

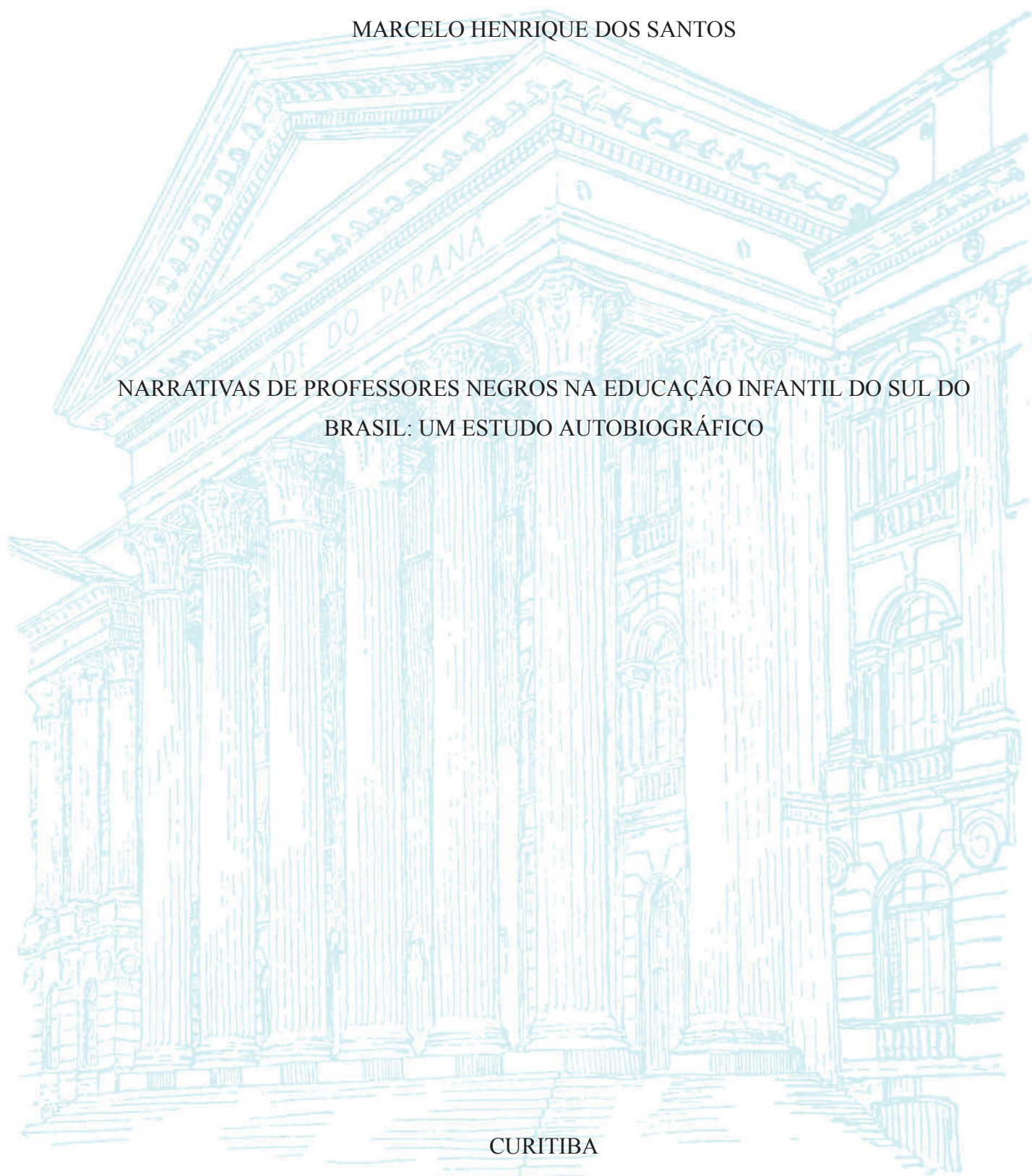
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCELO HENRIQUE DOS SANTOS

NARRATIVAS DE PROFESSORES NEGROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO SUL DO  
BRASIL: UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO

CURITIBA

2023



MARCELO HENRIQUE DOS SANTOS

NARRATIVAS DE PROFESSORES NEGROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO SUL DO  
BRASIL: UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO

Texto de qualificação de dissertação apresentado ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Linha Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Santos, Marcelo Henrique dos.

Narrativas de professores negros na educação infantil do sul do Brasil :  
um estudo autobiográfico / Marcelo Henrique dos Santos – Curitiba, 2023.  
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de  
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Megg Rayara Gomes de Oliveira

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Professores negros. 3. Educação  
infantil – Professores. 4. Racismo na educação. 5. Discriminação racial –  
Brasil. I. Oliveira, Megg Rayara Gomes de. II. Universidade Federal do  
Paraná. III. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MARCELO HENRIQUE DOS SANTOS** intitulada: **NARRATIVAS DE PROFESSORES NEGROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO SUL DO BRASIL: UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO**, sob orientação da Profa. Dra. MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 31 de Outubro de 2023.

Assinatura Eletrônica

16/01/2024 15:45:23.0

MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

09/11/2023 11:38:03.0

ALEXSANDRO RODRIGUES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO)

Assinatura Eletrônica

09/11/2023 14:32:41.0

CAROLINA DOS ANJOS DE BORBA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

*...a todos nós que amamos a negritude, que ousamos criar no dia a dia de nossas vidas espaços de reconciliação e perdão onde deixamos vergonhas, medos e mágoas do passado, e nos seguramos uns nos outros, bem próximos. Bell hooks (2019)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a inserção e permanência de homens negros na Educação Infantil, a partir das experiências de três professores negros que atuam no Sul do Brasil, analisando os impactos do racismo e sexismo nas interações nesse ambiente. O conceito de interseccionalidade desenvolvido por Kimberlé Crenshaw em 1989 será utilizado como ferramenta analítica por sua capacidade de possibilitar compreender como a discriminação racial e de gênero se entrelaçam, produzindo e/ou potencializando exclusões. Ainda que a interseccionalidade tenha sido desenvolvida para analisar as inúmeras situações de exclusão e violência que operam sobre mulheres negras cisgêneras, entendo, a partir das problematizações feitas por Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), que essa ferramenta pode ser utilizada para analisar múltiplos marcadores sociais e assim produzir uma compreensão mais completa dos sujeitos. O método (auto)biográfico desenvolvido pelo pesquisador Márcio Caetano (2016) foi adotado por possibilitar uma análise mais ampla do indivíduo, considerando a formação da identidade como um processo relacional, conectando biografias a outras histórias de vida que exploram a construção e reconstrução de redes sociais, bem como a criação de identidades individuais e coletivas. As (auto)biografias são utilizadas para atingir os seguintes objetivos: I) Analisar o trajeto educacional de professores negros, procurando entender como se deu sua capacitação para atuar na Educação Infantil. II) Investigar os desafios e oportunidades enfrentados durante a formação para atuar na Educação Infantil. III) Compreender o impacto da presença e identidade racial desses homens negros na dinâmica da equipe e no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. As narrativas desses professores revelam o conceito de "fracasso" como uma oportunidade para desafiar o racismo e sexismo, contribuindo para uma compreensão mais profunda das complexidades dessas questões na sociedade.

Palavras-chave: educação infantil; homens negros; masculinidades negras; racismo.



## ABSTRACT

This research aims to investigate the insertion and retention of black men in Early Childhood Education, with a special focus on the experiences of three black teachers from the South of Brazil, analyzing the impacts of racism and sexism on interactions in this environment. Intersectionality, a crucial concept developed by Kimberlé Crenshaw, is highlighted for its ability to understand how racial and gender discrimination intertwine, especially affecting women of color. This tool is fundamental for this research, allowing the analysis of multiple social markers and a more complete understanding of the subjects (Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2019). The methodology of autobiography is adopted, going beyond the central protagonist of the (auto)biographical narratives. This enables a broader representation of the individual, considering identity formation as a relational process, connecting biographies to other life stories that explore the construction and reconstruction of social networks, as well as the creation of individual and collective identities. Autobiographies are used to achieve the following objectives: I) Analyze basic education and the previous educational experiences of black teachers, training them to work in Early Childhood Education. II) Investigate the challenges and opportunities faced during training to work in Early Childhood Education. III) Understand the impact of the presence and racial identity of these black men on team dynamics and children's development in Early Childhood Education. The teachers' narratives reveal the concept of "failure" as an opportunity to challenge racism and sexism, contributing to a deeper understanding of the complexities of these issues in society. Thus, this research stands out through an extensive bibliographical research on the presence of black teachers in Early Childhood Education.

key words: early childhood education; black men; black masculinities; racism.

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ANPED	- Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BBB	- Big Brother Brasil
BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CMEI	- Centro Municipal de Educação Infantil



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
1 Fracasso	17
2 - Racismo x Fracasso	19
3 - Um fracassado na academia	20
4 - Meu corpo transgressor	21
5 - Tem um corpo masculino negro na educação infantil! E agora?	24
6 – Masculinidade Negra	25
7 - Justificativa da pesquisa	27
8 - Metodologia	30
9 - Objetivo Geral	33
1.9.1 - Objetivos específicos:	33
<b>CAPÍTULO 1 - (RE)CONSTRUINDO IDENTIDADES: A EDUCAÇÃO COMO AGENTE DE HUMANIZAÇÃO DE CORPOS MASCULINOS NEGROS</b>	<b>37</b>
1.1 Educação Básica: Narrativas de Professores Negros em suas Trajetórias educacionais	39
1.4 O Comportar Dos Corpos Negros	50
<b>CAPÍTULO 2. EMPRETECENDO A UNIVERSIDADE</b>	<b>54</b>
2.1 A Porta de Entrada: Desafios e Surpresas na Universidade para Professores Em Formação	55
2.2 Vozes da (Re)Existência: Professores Negros em Formação	56
<b>CAPÍTULO 3 ACEITA QUE DÓI MENOS: UM HOMEM NEGRO EDUCANDO NOSSOS FILHOS</b>	<b>65</b>
3.1 Desafios e Afetos na Educação Infantil: Vozes de Professores em Diálogo	66
<b>ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

*O que as paredes pichadas têm prá me dizer  
O que os muros sociais têm prá me contar  
Porque aprendemos tão cedo a rezar  
Porque tantas seitas têm, aqui seu lugar  
É só regar os lírios do gueto que o Beethoven  
Negro vêm prá se mostrar<sup>1</sup>*

Em meio a tantas sensações, início esta introdução com versos de um hino suburbano, não por inveja, nem por delírio, mas porque foram sobre esses versos que na manhã do dia primeiro de janeiro de dois mil e sete, às cinco e trinta da manhã, me despedi da cidade de Três Corações – Minas Gerais –, minha terra natal.

Antes de continuar com esta escrita, salientou que alguns momentos “palavras cortantes”, intencionalmente em caixa alta, aparecerão no texto com o objetivo de enfatizar, tensionar, reflexionar, chacoalhar, de modo nos ACORDAR para assuntos INVISIBILIZADOS E EMUDECIDOS até então.

Para a elaboração desta pesquisa, recorro à canção NEGRO VEM PRÁ SE MOSTRAR, da banda O Rappa, para acessar fragmentos de minhas memórias, mais especificamente da infância e adolescência.

De acordo com Fabíola Gaspar das Dores (1999), a memória é uma metodologia de pesquisa que está:

[...] baseado no estudo do próprio homem, em sua relação com o meio social, ao qual está inserido, levando em conta os sentidos, os sentimentos e a sensibilidade dos indivíduos envolvidos no processo de pesquisa (Fabíola Gaspar das DORES, 1999, p.113)

Nesse sentido, é imprescindível a aplicação dessa metodologia para a realização desta pesquisa que tem sua gênese em minha trajetória de vida, acadêmica e profissional, atravessada por questões acerca de raça, masculinidades negras e educação infantil. As memórias sobre minha infância e adolescência são complexas, pois ambas estão submersas entre felicidades e tristezas.

---

<sup>1</sup> Música da Banda O Rappa, compositores: Marcelo Lobato / Marcelo Fontes Do Nascimento Santana / Marcelo Falcao Custódio / Alexandre Menezes / Nelson Meirelles De Oliveira Santos Letra de Brixton, Bronx ou Baixada © Warner/Chappell Edicoes Musicais Ltda. 1994

Na felicidade, aprendi que o sorriso é capaz de fazer esquecer as piores dores, já com a tristeza, descobri o quão forte somos, ainda que nos julguem fracos. Descobri a felicidade nas brincadeiras, abraços e amigos... A tristeza, conheci por meio das violências cometidas pelo meu pai contra nossa família. Reconheço hoje que tais violências são sombras resultantes da patologia do alcoolismo<sup>2</sup>, uma doença que sempre fez parte da minha vida, assim como as violências.

As violências cometidas pelo meu pai variavam de xingamentos por conta do meu comportamento expansivo, afeminado, delicado e extrovertido. Comportamento que resultava em surras homéricas, sobretudo em razão das críticas que eu fazia a ele pelas incontáveis violências físicas, psíquicas e verbais contra minha mãe.

Apesar de toda essa atmosfera violenta e tóxica, contraditoriamente, estar em família sempre me fez sentir acolhido e seguro. Não obstante, o que mais me preocupava não eram as várias formas de violência decorrentes do alcoolismo. O que eu mais temia era a ideia de me tornar o que ELA e ELE projetavam sobre o que eu deveria ser.

Apesar das desavenças entre eles, quando o assunto era meu futuro, meus pais eram unânimes em projetá-lo, pois ambos desejavam que eu fosse um pai de família alfabetizado o suficiente para cumprir ordens. Isso faria de mim um bom trabalhador<sup>3</sup> e cristão. Então, movido pela indignação de não ter o direito de fazer minhas próprias escolhas e por saber que eu iria FRACASSAR diante a expectativas dele/a, na primeira oportunidade que tive, deixei para trás o que eu tinha de mais precioso, minha família, para me dar o DIREITO de ser quem eu queria ser e abandonar, de vez, toda e qualquer expectativa que existia sobre mim.

## 1 FRACASSO

Para contextualizar o conceito de fracasso utilizado nesta pesquisa, adoto uma fala proferida no Big Brother Brasil 2022, que estreou no dia 17 de janeiro de 2022. O programa ocupava a grade de programação da Rede Globo, emissora de televisão comercial aberta de maior audiência no Brasil, atingindo 98,60% do território brasileiro, cobrindo 5.490 municípios<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> O CID F10 é o código da Classificação Internacional de Doenças para Transtornos Mentais e Comportamentais devidos ao uso de álcool nesse sentido do alcoolismo e quando uma pessoa sofre transtornos causados pelo uso excessivo de álcool.

<sup>3</sup> O termo trabalhador para meus pais tinha o sentido de servo, de eu estar sempre pronto a servir “os outros”, lógica colonial racista pessoas negras a serviço de seus senhores brancos.

<sup>4</sup> A TV Globo foi oficialmente fundada no dia 26 de abril de 1965 (Negócios Globo, Grupo Globo).

Durante a apresentação das e dos participantes, em horário nobre, a travesti preta, cantora, atriz, apresentadora, agitadora cultural, artista e pensadora Linn da Quebrada rouba a cena ao discursar para seus colegas de confinamento sobre ser um “fracasso”. Lina Pereira dos Santos (2022) afirma para seus colegas de confinamento e para os mais de 2.083.181,4 domicílios na grande São Paulo<sup>5</sup> que a assistia, que ela havia FRACASSADO:

Tenho 31 anos, sou cantora, atriz, apresentadora, agitadora cultural, artista. E ser artista não é estar na frente do palco. Tem a ver com a possibilidade de você criar sob as suas possibilidades e suas relações. Tenho tentando entender ‘quem sou eu?’ para além do que eu faço na vida. Eu não sou só cantora... Tenho uma cachorra, uma mãe. Sou filha da Dona Lilian, de 68 anos, alagoana. Estou aqui também por ela, para garantir uma velhice mais confortável para a minha mãe. Sou chorona, determinada, corajosa, mas tenho muito medo. Sou complexa. Eu fracassei. Sou um fracasso de tudo que esperavam que eu fosse. Não sou homem, não sou mulher, sou travesti! Essa sou eu e por isso estou aqui.

No seu discurso, a pensadora explicita que o termo fracasso utilizado por ela está baseado na frustração das pessoas brancas cisgêneras heterossexuais sobre ela, evidenciando que tal perspectiva se origina de uma lógica RACISTA e LGBTFÓBICA. Nesse sentido, é possível afirmar que o fracasso nada mais é que a frustração daquelas pessoas que se colocam como modelo universal de humanidade a partir de suas crenças, valores e preconceitos. “Nesse panorama, a ideia de ‘fracasso’ relaciona-se mais a um potencial de indeterminação e a um modo de estar no mundo na contramão das normatividades vigentes do que a um endosso à lógica binária sucesso-fracasso” (Bruna Allegretti, 2020, p. 257).

Assim, reconheço-me como um fracassado, pois não cumpro com a norma de ser um corpo masculino negro “domado” e enrijecido pela lógica da normatividade racista. Ou seja, por ser um homem negro cisgênero deveria obrigatoriamente estar sempre disponível para quaisquer atividades previamente definidas e/ou prazer/satisfação, de modo a me negar voz, prazer, afeto, cuidado e VIDA. Aliás, fracassar, como bem nos informa Jack Halberstam (2020) é algo que pessoas consideradas não hegemônicas fazem e sempre fizeram excepcionalmente bem.

Dito isso, apresento-me!

Prazer, sou o Marcelo Henrique dos Santos, mineiro, homem preto retinto, cisgênero, bissexual, de voz alta, agitado e extrovertido.

Diferente do que meus pais sonharam para mim, exerço a profissão de professor na Educação Infantil da rede municipal de Araucária, região metropolitana de Curitiba. Sou

---

<sup>5</sup> Dado informativo recolhido no site portal O Planeta TV, site especializado em analisar e quantificar a audiência consolidada de programas de tv que serve como referência para o mercado publicitário.

pedagogo por formação, com grau de instrução para além de satisfatório para a maioria dos homens pretos no Brasil.

Sonhador? Sempre!

Transgressor? Diariamente!

Dono de uma alma “pretamente” disposta a lutar pelo que acredita e quer.

Sou resiliente por hábito, sobrevivente por teimosia e maratonista da vida por vocação.

Posso, então, de acordo com as reflexões de Linn da Quebrada (2022), Bruna Alegretti (2020) e Jack Halbertan (2020), considerar-me um FRACASSADO, pois frustrei as expectativas projetadas sobre meu futuro.

Ainda que seja um homem cisgênero, a masculinidade que o meu corpo anuncia é considerada periférica, pois subverte a “norma cis heterossexual branca de classe média” conforme discute Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017). Meu corpo, ainda que marcado para morrer, como assevera Achille Mbembe ao tratar da necropolítica<sup>6</sup> (2003), segue determinado a FRACASSAR frente às expectativas RACISTAS, SEXISTAS, HOMOFÓBICAS e CLASSISTAS, dentre outros marcadores da diferença que contribuem para que eu não seja enquadrado na categoria de humano imposta pela tradição do pensamento ocidental (Diego dos Santos Reis, 2022), que me coloca na condição do “OUTRO” e que serve aos interesses de uma SOCIEDADE CAPITALISTA como a brasileira.

## 2 - RACISMO X FRACASSO

Os movimentos de luta contra o racismo têm sido identificados em várias regiões do país e do mundo, atualizando debates que emergiram, em países colonizados como o Brasil, ainda durante o regime escravista<sup>7</sup>. Assim esta pesquisa, ainda que denuncie o racismo, tem a intenção principal de contribuir, acadêmica e socialmente, para que as pessoas negras como

---

<sup>6</sup> Necropolítica, de forma resumida, é mais do que o direito de matar, mas também o direito de expor outras pessoas (incluindo os próprios cidadãos de um país) à morte.

<sup>7</sup> A partir da década de 1980, impulsionado pelo centenário da abolição da escravatura, o Movimento Social de Negros e Negras ganhou novo fôlego e algumas organizações são reestruturadas, como o Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON) em atividade na capital paranaense desde o final da década de 1970, e outras são criadas, como a Associação Cultural de Negritude e Ação Popular (ACNAP), em Curitiba, e o Instituto de Mulheres Negras Enedina Alves Marques, em Maringá. Organizações de atuação nacional, como o Movimento Negro Unificado (MNU) e a União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO) também se estabeleceram no estado, fortalecendo a luta da população negra paranaense. A partir do ano 2000, outras organizações são fundadas, como o Instituto de Pesquisa da Afrodescendência (IPAD) e o Afro-Globo, em Curitiba; a Associação Negritude de Promoção da Igualdade Racial (ANPIR), em Paranavaí; o Coletivo da Juventude Negra (COJUNE) e a União da Juventude Afro de Londrina (UJAL). Considerada importante por esses movimentos sociais foi a aprovação em 2003 da Lei 14.274 que tornam obrigatórias cotas de 10% para negros e negras em todos os concursos públicos estaduais no Paraná.

um todo sejam instrumentalizadas para ocuparem espaços e ressignificarem as próprias identidades pessoal e profissional, especialmente no campo da educação.

De acordo Kabengele Munanga (2003, p. 6-7) o racismo é:

Uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas.

Segundo o autor, a lógica racista é contraditória pois se baseia em traços biológicos para criar hierarquizações de aspectos socioculturais:

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas. (Kabengele Munanga, 2003, p. 6-7).

Nesse sentido, é possível afirmar no prisma racista pessoas negras jamais serão bem-sucedidas, ou seja, negros e negras jamais serão inteligentes o suficiente, nem moralmente capazes de alcançar o sucesso, restando a nós somente o fracasso. “Assim abraço “o fracasso em toda sua imperfeição” de modo a fazer “dele uma potência contra-hegemônica.” (Bruna Allegretti, 2020, p. 260). “Considerando que a lógica do sucesso, enquanto hegemônica, é regida por princípios racistas, machistas e cisheteronormativos[...]” (Allegretti, 2020, p. 257- 260).

Nesse sentido podemos afirmar que o racismo tem sido fator limitante que tem cerceado pessoas negras o DIREITO de ocuparem espaços e ter sua própria identidade pessoal e profissional, especialmente no campo da educação.

### **3 - UM FRACASSADO NA ACADEMIA**

No dia 14 de abril de 2013 ingressei no curso de pedagogia na Universidade Federal do Paraná. Estava envolto em um misto de emoções, dentre as quais destacavam-se o orgulho e a ansiedade. Orgulhoso por ter passado em uma universidade federal prestigiada; ansioso por querer saber antecipadamente o que aconteceria comigo por eu ocupar espaço na

universidade na “contramão das normatividades vigentes”, conforme Alegretti (2020) e Jack Halbertan (2020).

Um negro ESTAR em uma universidade é uma das maiores demonstrações de FRACASSADO na expectativa RACISTA e CLASSISTA. Nesse sentido, frustrar tais expectativas me fez e faz sentir competente e capaz. Esse sentimento de “capacidade” se justifica porque sabia que a graduação possibilitaria o meu avanço profissional e/ou pessoal credibilizando as minhas ações e falas, já que, até então, de modo geral, elas eram questionadas. Contudo, nesse turbilhão de emoções a ansiedade se destaca, pois rotineiramente pensava em como responderia alguém quando me apresentasse como cotista.

Hoje consigo entender que o receio exagerado de afirmar que eu era (e sou) cotista racial é resultante do racismo, uma vez operam sobre nós, negras/os, cobranças cotidianas que questionam nossa presença em espaços pensados por e para pessoas brancas, como é o caso das universidades. A respeito da capacidade intelectual de pessoas negras, Kabengele Munanga (2003) denuncia que os discursos racistas procuram confirmar que seriam mais emocionais, menos honestas e menos inteligentes. Desafiar essa lógica, então, me coloca mais uma vez na condição de FRACASSADO.

#### **4 - MEU CORPO TRANSGRESSOR**

*[...] é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam*  
Megg Rayara Gomes de Oliveira

A presença de negros/as em alguns espaços tem muito a dizer. O ESTAR de corpos negros em determinados lugares evidencia o FRACASSO, a sua (re) existência de modo a transgredir, desobedecendo às normas regulatórias estabelecidas, alicerçadas em uma lógica “RACISTA E COLONIAL”.

Na primeira semana de aula, após a euforia da aprovação na UFPR, percebi que a universidade não foi projetada e construída para pessoas negras. Entendi isso depois que, por dias ao correr os olhos pela biblioteca, salas de aula e coordenação do curso, dificilmente encontrava os meus iguais. Contudo, eu indagava onde estavam os/as negros/as que eu via dentro do ônibus? Para onde eles/elas estavam indo, já que não os via na universidade?

Na segunda semana de aula, percebi que meu corpo masculino preto retinto havia sido notado na sala, majoritariamente composta por mulheres brancas. Assim como senti a falta dos meus iguais, alguém havia percebido o diferente entre eles. De forma aleatória, uma



colega, sem pudor algum, perguntou se eu era garoto de programa. Em um tom de afirmação ela insinuou que eu certamente teria muitos/as clientes, visto que em Curitiba não existiam muitos negros e que tal especificidade me tornaria um diferencial no MERCADO.

O discurso CAPITALISTA, PRECONCEITUOSO E OBJETIFICADOR continuou: em uma tentativa de amenizar o “racismo à brasileira”, ela tocou meu ombro e afirmou que eu era EXÓTICO e que, apesar de PRETO, eu era BONITO. Em meio a risos, a colega garantiu que certamente eu teria o pênis grande e que, em uma relação homoafetiva, eu seria o ativo da relação.

Tal situação revela uma visão reducionista em relação ao homossexual negro que “interfere no processo de afirmação da sua orientação sexual: colocada num plano específico, reduz suas possibilidades de atuação” (Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2017, p. 96). Era impressionante como suas falas tinham uma carga de certeza e segurança: meus marcadores corporais e a visão que ela tinha a respeito da minha sexualidade eram a única história possível a mim, como explica Chimamanda Ngozi Adichie (2019), “autorizando a criação de estereótipos e me traduzindo de maneira reduzida. Incompleta”.

O discurso da colega demonstrava as dúvidas intenções: ora a minha presença causava estranheza, uma vez que sutilmente em sua fala ela declara que em seu imaginário o corpo masculino não era capaz de produzir e absorver conhecimento, ora seus olhares e toques não autorizados demonstravam desejo e atração por mim, ou melhor, pelo meu CORPO. Diante de tudo isso, fiquei sem ação e palavras, pois jamais imaginei que aquele tipo de abordagem poderia acontecer comigo na academia. Saliento que eu era o único homem preto retinto naquele espaço e que essa foi uma das incontáveis situações que aconteceram devido à OBJETIFICAÇÃO e à HIPERSEXUALIZAÇÃO do meu corpo.

Tais episódios dialogam com as reflexões de Robenilson Moura Barreto (2017) ao afirmar que os corpos negros passam pela exposição e hipersexualização<sup>8</sup>. Essas marcas do preconceito racial no imaginário social têm os filmes pornográficos como exemplos. Nessas produções, o homem negro é valorizado pelo tamanho do seu pênis, enquanto a mulher negra é “fogosa” e “boa de cama”. Isso é atualizado e ampliado de inúmeras maneiras, como, por exemplo, pelas propagandas e programas televisivos. Paulo Esber Barros e Robenilson Moura Barreto (2019, p. 313) afirmam que :

---

<sup>8</sup> A hipersexualização é, pois, um fenômeno que consiste em atribuir caráter sexual a um comportamento ou a um produto que não o seja (Bouchard; Bouchard; Boily, 2005), ou, como refere Richard Bessette (2006), é o uso excessivo de estratégias centradas no corpo a fim de seduzir.

O corpo negro carrega indubitavelmente marcas e cicatrizes profundas de representações sociais estigmatizadas e preenchidas de fantasias. Esse corpo de sentidos e significados construídos na sociedade brasileira evoca um lugar dúbio. Se por um lado o negro é sucessor de uma memória recente na história que produz e reproduz o preconceito racial através de um corpo que era dado como; coisa, objeto, mercadoria, peça... por outro lado, vive numa sociedade onde a representação desse objeto (negro) é permeada de fantasias e desejos em torno da sua sexualidade no contexto mediático e pornográfico.

Assim, objetificar meu corpo era uma tentativa de desautorizar a presença dele na academia. Tal situação dialoga com as reflexões de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) ao denunciar que, no imaginário racista, “o lugar do conhecimento acadêmico é reservado ao corpo branco, enquanto a cama, o prazer sexual, autoriza a presença do corpo negro”. A presença do corpo masculino retinto na universidade causa estranhamento por inúmeros motivos, dentre os quais destaco dois:

- Primeiro porque a academia é um ambiente a serviço da manutenção dos privilégios da branquitude<sup>9</sup> por meio da racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento e os europeus seriam os conhecedores (Oyèrónké Oyèwùmí, 2004).

- Segundo porque o imaginário racista opera para atualizar os “processos de continuidade da colonização na esfera epistemológica” (Jessica Santana Bruno, 2019) de forma que as narrativas presentes no espaço acadêmico acabam contribuindo para reiterar a suposta superioridade epistêmica do grupo (racial) branco.

Nilma Lino Gomes (2005, p. 46), quando discute o racismo nos espaços acadêmicos, enfatiza que “os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país”. Stuart Hall (2016), seguindo a mesmo raciocínio, destaca que ainda circula um pensamento de que homens negros não são dados a esforços e seriam preguiçosos.

O sociólogo analisa a presença do negro no cinema e na publicidade ocidental e constata que os estereótipos se formam enfatizando as diferenças: o homem branco é considerado civilizado e trabalhador enquanto o homem negro tem a reputação de primitivo (selvagem) e preguiçoso.

Assim, nessa lógica a presença de corpos negros na universidade explicita o FRACASSO desse sujeito, uma vez que, no imaginário racista do “outro”, o lugar desses

---

<sup>9</sup> De acordo com Lia Vainer Schucman (2019), A branquitude é consistentemente identificada como uma posição de vantagem estrutural para os indivíduos brancos em sociedades moldadas pelo racismo, especialmente aquelas que foram colonizadas por europeus. A pesquisadora salienta que nesse contexto, a concepção de superioridade racial tem origem e se dissemina por meio do processo de colonização. Isso resulta na imposição das perspectivas provenientes da branquitude como se fossem normas universais, perpetuando assim as desigualdades estruturais existentes.

corpos “primitivos e preguiçosos” deveria, de modo inclusive contraditório, ser a serviço do branco, o “civilizado e trabalhador”. Outra consequência dessa lógica racista é o MEDO desse grupo, considerado primitivo, selvagem e violento.

Diante disso surge uma pergunta: O MEDO seria o responsável pelo estranhamento e pela INSEGURANÇA das pessoas ao se depararem com corpos negros masculinos na educação infantil, espaço de cuida e conhecimento?

## **5 - TEM UM CORPO MASCULINO NEGRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL! E AGORA?**

*Missão feminina desde o período de consolidação como profissão até os dias atuais em que se constata flagrantemente a maioria de mulheres nesta função.*  
Marli Lúcia Tonatto Zibetti

Após me graduar em pedagogia em dezembro de 2017, tomei posse do cargo de pedagogo no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Helena Kolody, na cidade de Pinhais, região metropolitana de Curitiba. A graduação em pedagogia é requisito basilar para o exercício dos cargos de professor/educador e/ou pedagogo na Educação Infantil. Tizuko Morchida Kishimoto (1999, p. 61) explicita que:

A formação profissional para a educação infantil ressurge com o clima instaurado após a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Lei Orgânica de Assistência Social. Tais dispositivos inserem a criança de 0 a 6 anos no interior do sistema escolar, na educação básica, garantindo o direito da criança à educação e, conseqüentemente, impondo ao Estado a obrigatoriedade de oferecer instituições para essa faixa etária (Tizuko Morchida Kishimoto, 1999, p.61)

Assim a Educação Infantil tornou-se a primeira etapa da Educação Básica, tendo como público crianças de zero a cinco anos de idade, inseridas no universo do cuidar e o educar.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula **educar e cuidar**, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (Brasil, 2018, p. 36).

A educação infantil, então, tem como principal objetivo a promoção do desenvolvimento dos aspectos físico, motor, cognitivo, social e emocional das crianças. Esse desenvolvimento ocorre por meio de estímulos, vínculos, atividades e vivências de modo a incentivar a exploração, as descobertas e a experimentação.

Guacira Lopes Louro (1997) entende que o movimento de feminização da educação infantil e a noção do grupo feminino para o magistério como uma construção histórico-social com o ideário de que o “cuidado” é uma especificidade feminina. A autora ratifica que a sociedade incorporou o paradigma de que os homens não estão aptos, social ou biologicamente, a exercerem funções nos espaços de Educação Infantil. Assim, a presença deles nesses ambientes gera “estranhezas” tanto aos funcionários quanto à comunidade. Para a estudiosa, a difusão dessa ideia corroborou a feminização dessa etapa educacional e promove PRECONCEITO e DISCRIMINAÇÃO em relação aos os homens que ali estão.

Se o corpo masculino causa “estranheza” nos espaços destinados à educação infantil, pergunto: quais seriam os impactos causados pela presença de corpos negros masculinos no quadro de profissionais de magistério na Educação infantil? Essa pergunta surge em decorrência do imaginário social construído pela colonialidade, no qual:

[...] um homem negro não é um homem, antes ele é um negro e como tal não tem sexualidade, tem sexo, um sexo que desde muito cedo foi descrito no Brasil com atributo que o [...] assemelhava a um animal em contraste com o homem branco. Este imaginário é perceptível no modo como a masculinidade é representada na literatura, cinema, telenovelas, jornais, revistas e propagandas [...]. Nelas o temor psíquico do negro macrofálico é retratado através de estereótipos que foram forjados durante longos anos até tornaram-se verdade (Rolf Ribeiro de Souza ,2009, p. 97-115).

Nesse sentido, esta pesquisa se apresenta com a proposta de contribuir com o debate acerca das relações étnico-raciais, identidade e gênero na educação infantil, dada a ainda baixa produção científica referente ao tema. Vale ressaltar que as bases de dados utilizadas nesta pesquisa, tais como Google Acadêmico e Scielo, encontraram poucas pesquisas e/ou materiais da área (especificamente um artigo), o que é um indicativo de que a questão precisa ser estudada e debatida.

Propõe-se, portanto, colaborar com o rompimento da diferença de tratamento conferida aos CORPOS MASCULINOS NEGROS de professor/educador na educação infantil cruelmente marginalizado.

## **6 – MASCULINIDADE NEGRA**

Esta pesquisa tem como foco a docência de homens negros na educação infantil, sendo portando uma discussão atravessada por dois marcadores principais que operam sobre esses profissionais: a raça e a masculinidade. Durante sua realização das entrevistas, porém, observou-se que outros marcadores, como classe, território e orientação sexual, também desempenharam um papel crucial na análise das conversas. Assim, quando a homofobia for acionada, juntamente com o racismo, como um marcador adicional de interdição desses docentes, farei uso do conceito de INTERSECCIONALIDADE.

Peço licença às MULHERES NEGRAS para tanto, pois a elaboração dele emerge da necessidade de se denunciar as violências sofridas por mulheres negras em decorrência do RACISMO, do MACHISMO, da LESBOFOBIA, do CLASSISMO, da TRANSFOBIA, dentre outros. Para Kimberle Crenshaw<sup>10</sup> (2002, p. 7) o maior desafio da INTERSECCIONALIDADE é “abordar as diferenças dentro da diferença”. A autora constata que o conceito nos permite:

[...] identificar a discriminação racial e a discriminação de gênero, de modo a compreender melhor como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras. (Crenshaw 2002, p. 8).

Neste trabalho, o conceito interseccionalidade deu aporte teórico para compreender e perceber a discriminação que opera sobre corpos masculinos negros gays que atuam ou atuaram na Educação Infantil. Conforme Megg Rayara Gomes de Oliveira (2019, p. 10) assevera, “a interseccionalidade surge como uma categoria de análise muito potente, pois permite que mais de um marcador social possa ser considerado numa pesquisa e os sujeitos sociais podem ser apresentados de forma mais completa”. Ainda, a autora identifica seu uso em trabalhos que versam sobre masculinidades negras desenvolvidos por pesquisadores brasileiros negros homossexuais que articulam racismo e homofobia em seus trabalhos, dentre eles as produções de Ari Lima (2006), Alex Ratts (2007) e Osmundo Pinho (2008) (Oliveira, 2017).

---

<sup>10</sup> Kimberlé Williams Crenshaw (nascida em 1959) é uma defensora dos direitos civis norte-americana. Ela é uma das principais estudiosas da teoria crítica da raça. A autora é professora em tempo integral na Faculdade de Direito da UCLA e na Columbia Law School, onde se especializa em questões de raça e gênero. Crenshaw é também fundadora do Centro de Interseccionalidade e Estudos de Política Social da Columbia Law School (CISPS) e do Fórum de Política Afro-Americano (AAPF), bem como do presidente do Centro de Justiça Interseccional (CIJ), com sede em Berlim. Crenshaw é conhecida pela introdução e desenvolvimento da teoria da interseccional, o estudo de como identidades sociais sobrepostas ou interseccionadas, particularmente identidades minoritárias, se relacionam com sistemas e estruturas de opressão, dominação ou discriminação

Dessa forma, esta pesquisa, ao refletir sobre a presença de corpos masculinos negros atuando como professores/educadores na educação infantil no Sul do Brasil considera a raça, a masculinidade e a sexualidade como marcadores importantes para compreender o processo de inserção desses profissionais nessa etapa da educação. Mesmo que sejam cisgêneros heterossexuais, a exemplo da masculinidade vivenciada por homens homossexuais, brancos inclusive, a masculinidade negra foi e continua sendo considerada ilegítima “diante do olhar do homem branco cis heterossexual que fez uso de discursos religiosos, de leis e da ciência para naturalizar e essencializar sua suposta superioridade” (Oliveira, 2017, p. 49). Nesse sentido, de acordo com a estudiosa, “dos negros e dos homossexuais, espera-se que tomem como referência de normalização a heterossexualidade e a branquidade hegemônicas” (Oliveira, 2017, p. 48).

Em relação à presença da masculinidade negra no sistema educacional, Guacira Lopes Louro (2014, p. 62) afirma que:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.

Dessa maneira, esta pesquisa analisará quais fatores operam favorável e contrariamente ao ingresso e à permanência de homens negros na Educação Infantil, procurando entender os impactos do racismo e da homofobia no cotidiano desses profissionais, tendo em vista que “as instituições e práticas sociais são constituídas por representações de gênero, etnias e por classes” (Guacira Lopes Louro, 2014, p. 92), evidenciando, assim, um enorme FRACASSO cometido por esses corpos.

## **7 - JUSTIFICATIVA DA PESQUISA**

A presente pesquisa surge como resposta FRACASSADA à premência de se analisar a presença de corpos masculinos negros entre os profissionais do magistério na Educação Infantil no sul do Brasil. Acredito que seja importante pesquisar sobre o assunto visto que, segundo o Censo da Educação Básica de 2021, dos 595 mil docentes na educação infantil (de

0 a 5 anos), apenas 3,7% são do sexo<sup>11</sup> masculino. Assim, nessa equação, para cada profissional do gênero masculino há 27 profissionais do gênero feminino. A partir dessa informação surge, outra pergunta: desses 3,7%, quantos são negros?

Com foco no ingresso de pessoas do gênero masculino na Educação infantil, busquei, para a elaboração desta pesquisa, sistematizar a quantidade de produções que estavam voltadas a analisar as relações étnicas raciais e identidade e gênero. Para o levantamento bibliográfico utilizei os descritores HOMEM NEGRO e EDUCAÇÃO INFANTIL nas plataformas de busca GOOGLE ACADÊMICO e SCIELO. Adotei o recorte de 2010 a 2020, com o intuito de observar se a Lei 12.288/10 – Estatuto de Igualdade Racial – cumpriu o propósito explícito no art. 1º:

Art. 1ª Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. (Brasil, 2010).

Como resultado do levantamento de produção científica com os descritores acima citados constatou-se um SUCESSO para os RACISTAS, pois não foi encontrado qualquer trabalho. Posteriormente modifiquei os descritores para HOMEM e EDUCAÇÃO INFANTIL e obtive como resultado 20 produções, dos quais uma tese de doutorado, 18 dissertações de mestrado e 1 artigo. Do total das produções, 63,15% das pesquisas foram realizadas por homens e 36,85% por mulheres. Outro dado importante é que 99% das produções têm como tema de pesquisa as relações de identidade/gênero somente 1% do total aborda as relações étnico-raciais, contudo a pesquisa encontrada tem homens negros nas mais variadas funções.

Nesse sentido, para além de quantificar a presença masculina na Educação Infantil no Brasil, esta pesquisa objetiva contribuir para preencher a lacuna existente nas produções acerca das masculinidades negras nesse contexto. Nilma Lino Gomes (2002) destaca que:

Articular educação e identidade negra é um processo de reeducação do olhar pedagógico sobre o negro. A escola, como instituição responsável pela socialização do saber e do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, possui um papel importante na construção de representações positivas sobre o negro e demais grupos que vivem uma história de exclusão. (GOMES, 2002, p. 46).

---

<sup>11</sup> Mantenho a grafia original, apesar de discordar do seu uso, uma vez que o sexo heteroatribuído ao nascimento, nem sempre corresponde com o gênero do docente.



Assim, ao pesquisar a presença de pessoas negras do gênero masculino em um espaço majoritariamente feminino e branco, como anteriormente assinalado, esta pesquisa, ainda que indiretamente, dialoga com questões de resistência, luta, justiça e representatividade, uma vez que o ambiente educacional se apresenta como um lugar adequado para o enfrentamento e desmonte de visões essencialistas e reducionistas em relação às masculinidades negras, associadas, muitas vezes, A CRIMINALIDADE, VIOLÊNCIA e SEXUALIDADE desenfreadas.

Tais visões, de acordo com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (1987), estariam atreladas ao olhar do “outro”, o que colabora com a construção social da identidade de homens negros e influencia a forma como os corpos de negros/as são tratados e vistos pela sociedade. A autora vai além e afirma que o olhar do outro corresponde à maneira pela qual a sociedade, o governo e o poder econômico tratam as pessoas negras, como se não tivessem identidade própria, sendo-lhes doada ou imputada, com o objetivo de manter e atualizar as discrepâncias sociais no Brasil.

Assim, a dificuldade de encontrar pesquisas acadêmicas que analisem nossos FRACASSOS, discutindo RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, IDENTIDADE e GÊNERO no campo da EDUCAÇÃO tende a contribuir para manter as diferenças de tratamento conferidas aos CORPOS NEGROS, considerados INADEQUADOS para ocuparem esse espaço, especialmente no exercício da docência.

Nesta pesquisa darei ênfase aos corpos negros masculinos que cotidianamente são marginalizados, modelados a partir das ideias de selvageria, força e sexualidade exacerbada e incontrolável “onde estão adormecidas as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis” (Frantz Fanon, 2008, p. 154).

Destaco a importância do ingresso de corpos masculinos negros na educação infantil, de modo que suas presenças exercem um papel positivo por cooperar na quebra de ideias cristalizadas de que a feminização e o branqueamento do corpo docente nessa etapa da educação seria algo natural e não resultado de uma estrutura machista e racista da sociedade brasileira. Realço, porém, que esta pesquisa se configura como um encontro relativamente novo. Assim, é crucial reconhecer que o corpo masculino negro não é meramente o tema em foco, mas também representa a experiência vivida pelo próprio pesquisador. Essa dualidade impõe uma responsabilidade adicional na abordagem do tema, exigindo sensibilidade e consideração aprofundada.

## 8 - METODOLOGIA

Nesta pesquisa, adotamos a autobiografia, com destaque para a memória, a conversa, as entrevistas e as narrativas como ferramentas metodológicas. A combinação desses elementos nos possibilitou investigar a experiência profissional de três professores negros que atuam ou atuaram na educação infantil da região Sul do Brasil. Percebemos que a autobiografia indica os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e a influência significativa do racismo e do sexismo ao longo das jornadas educacionais e profissionais desses HOMENS NEGROS rumo ao FRACASSO.

A opção pela abordagem autobiográfica foi fundamentada em seu potencial para permitir que o participante se revele internamente e compartilhe sua história de maneira autorreferente, repleta de significado, como destacado por Abrahão (2004). Delory-Momberger (2008) utiliza o termo "hermenêutica prática" para descrever esse processo autobiográfico, ressaltando que, por meio desse movimento, é possível conferir significado não apenas à própria vida (bios), mas também à autoconcepção (auto) e à atividade de escrita (grafia). Essa escolha metodológica visa, assim, mergulhar nas camadas mais profundas da experiência dos participantes, proporcionando uma compreensão mais rica e significativa.

Vale salientar que na construção autobiográfica, as narrativas desempenham um papel crucial na estruturação da pesquisa, pois possuem a capacidade de capturar uma sequência de eventos, emoções e acontecimentos. Jerome Bruner (2002, p. 46) destaca que uma narrativa é formada por uma sequência singular de eventos, estados mentais e ocorrências que envolvem seres humanos como personagens ou autores. Bruner salienta que uma narrativa pode ser tanto "real" quanto "imaginária", sem perder seu impacto enquanto história (p. 47).

Jovchelovitch e Bauer (2002) afirmam que, por meio da narrativa, as pessoas recordam eventos, organizam experiências em uma sequência, identificam possíveis implicações e exploram a cadeia de acontecimentos que molda a vida individual e social. Essa ênfase na narrativa como ferramenta significativa destaca a importância de se compreender as histórias individuais como meios poderosos de dar sentido e significado à experiência humana.

Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2003, p. 79) ressalta que a pesquisa autobiográfica engloba narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários e documentos em geral. Reconhece-se que é dependente da memória. Esse componente é essencial na característica do(a) narrador(a) com o qual o pesquisador trabalha, a fim de poder

(re)construir elementos de análise que possam auxiliar na compreensão de determinado objeto de estudo. A pesquisa, assim, tece-se na delicada trama da memória, reconhecendo-a como a lente pela qual as experiências passadas são revisitadas e reinterpretadas, moldando a narrativa que dá significado ao vivido. A autora ainda destaca a importância das narrativas na autobiografia, pois são “instrumentos de coleta de informação”, e salienta que a “memória é um elemento basilar de pesquisa desta natureza”.

Assim, exploramos cuidadosamente as memórias pessoais dos sujeitos, mergulhado nas intrincadas interseções de suas identidades raciais e masculinidades. Esse mergulho revela, de maneira contundente, o FRACASSO desses corpos, permeando suas trajetórias, seja no âmbito profissional ou pessoal. As narrativas desvelam a persistência dessas complexidades, desafiando a ilusão de igualdade e evidenciando a URGÊNCIA de uma CRÍTICA REFLEXIVA, PROFUNDA, ANTIRRACISTA e REVOLUCIONÁRIA.

Dessa forma, reiteramos enfaticamente a importância crucial que a INTERSECCIONALIDADE desempenha neste estudo. Reconhecemos a relevância intrínseca dos fatores de gênero e raça, compreendendo que exercem influências decisivas nas experiências e perspectivas desses professores. Aprofundar-se na análise dessas interações complexas entre as dimensões de gênero e raça é indispensável para alcançar uma compreensão abrangente das vivências desses docentes e dos DESAFIOS SINGULARES que enfrentam. Assim, a INTERSECCIONALIDADE emerge como uma lente essencial para desvelar as camadas profundas e interconectadas que moldam as TRAJETÓRIAS DESSES PROFISSIONAIS NEGROS, permitindo uma abordagem mais completa e sensível às complexidades de suas experiências.

Outro elemento que nos fez considerar autobiografias como uma importante ferramenta para a elaboração desta pesquisa foi o fato de o método nos permitir conectar e comparar as narrativas, o que possibilitou ampliarmos a compreensão desses sujeitos em um contexto mais amplo. Conforme destaca Marcio Caetano (2016, p. 28)

se considerarmos que a formação da identidade é uma construção relacional, as biografias desses sujeitos podem ser conectadas e comparadas com as narrativas de outras histórias de vida, criando uma dinâmica que transcende a simples sucessão cronológica individual ou a mera construção de trajetórias de vida.

Thaís Jussara de Oliveira Guedes Isidro (2019, p. 79) ressalta que:

Ao considerarmos esta metodologia como a mais apropriada para nos oferecer suporte na narrativa desta história singular, ela se revela como a melhor abordagem

para trazer à tona o que nos foi permitido descobrir sobre as escolhas do participante, proporcionando uma aproximação mais profunda com seu percurso de formação e atuação profissional. Portanto, a análise dos campos de conhecimento, história e memórias da educação, possibilita a revelação de práticas e representações em diferentes tempos e espaços da vida cotidiana."

Nesse contexto, a escolha metodológica não apenas evidencia a singularidade das histórias individuais, mas também ressalta o respaldo que essa abordagem proporciona para investigar a singularidade da história do participante. Essa escolha possibilita que os pesquisadores aprofundem a análise nas decisões tomadas pelos participantes, permitindo uma compreensão mais profunda das jornadas de formação, da atuação profissional e da formação identitária. Em outras palavras, ao adotar essa metodologia, os pesquisadores podem capturar perspectivas fundamentais sobre como as escolhas e vivências dos participantes foram influenciadas por uma imensidão de fatores ao longo do tempo e em diversos contextos.

A utilização de 5 perguntas disparadoras para a elaboração das autobiografias proporcionou uma abordagem estruturada e reflexiva, visando analisar e compreender as razões pelas quais homens negros escolheram a área da educação infantil. Essas perguntas exploram suas justificativas pessoais e experiências, abrangendo desde a formação básica até o período de graduação e atuação na educação infantil. O objetivo é desvendar os motivos subjacentes a essa escolha e entender as influências que moldaram suas trajetórias profissionais dos FRACASSADOS. Essa abordagem visa não apenas capturar as narrativas individuais, mas também fornecer *insights* profundos sobre as complexidades e motivações que orientam os homens negros FRACASSADOS no compromisso em FRACASSAR com a educação infantil de crianças, especificamente MARGINALIZADAS. Seguem as 5 questões apresentadas aos participantes:

1) Qual a motivação pessoal que levou a escolher o curso de pedagogia? Você poderia compartilhar algumas das razões pelas quais decidiu seguir essa carreira?

2) Como foi sua formação básica e as experiências educacionais que você teve antes de ingressar na graduação de pedagogia? Existem eventos ou influências específicas que orientaram nessa direção?

3) Durante o período da sua graduação, quais foram os desafios e oportunidades que você encontrou como um homem negro em um campo predominantemente feminino? Como essas experiências mudaram suas expectativas e percepções e escolhas?

4) Como você percebe que sua identidade racial afetou suas experiências e interações no ambiente acadêmico e de estágio durante a graduação? Você enfrentou o desafio

relacionado ao racismo, sexismo e homofobia a falta de ou a falta de representatividade durante esse período?

5) Agora que você está trabalhando na educação infantil em um ambiente de trabalho majoritariamente feminino, como você vê o impacto de sua presença e identidade racial na dinâmica da equipe e no desenvolvimento das crianças? Quais os principais desafios e recompensas dessa experiência?

As perguntas utilizadas para a elaboração das autobiografias foram concebidas com o propósito de aprofundar a compreensão das motivações, experiências e perspectivas únicas dos homens negros que escolheram a educação infantil. Em um contexto no qual são uma minoria tanto em termos de gênero quanto de raça, essas perguntas foram projetadas para explorar aspectos cruciais de suas trajetórias, desde os motivos pessoais que os levaram a essa escolha até as experiências da formação básica, passando pelo período de graduação, até a atuação na Educação Infantil.

Assim, ao oferecer e compartilhar espaço para reflexão sobre suas próprias jornadas, essas perguntas buscam desvelar as nuances das decisões e influências que moldaram suas carreiras na educação infantil. A abordagem visa capturar as vozes individuais, proporcionando uma visão mais holística e autêntica das complexidades enfrentadas por esses educadores em um contexto que destaca as disparidades de gênero e raça.

## **9 - OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral será discutir os processos de ingresso e permanência de homens negros na educação infantil, considerando os impactos do racismo, e quando oportuno, da homofobia, nas relações que se estabelecem nesse espaço.

### **1.9.1 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Analisar o trajeto educacional de professores negros, procurando entender como se deu sua capacitação para atuar na Educação Infantil

- Investigar os desafios e oportunidades enfrentados por professores negros durante sua formação para o exercício na Educação Infantil.

- Compreender o impacto que homens negros causam por meio de sua presença e identidade racial na dinâmica da equipe e no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Para a sistematização da pesquisa optou-se por dividi-la em três capítulos, são eles:

- **CAPÍTULO 1 - (Re)construindo identidades: A educação com agente na humanização de corpos masculinos negros.**
- **CAPÍTULO 2 - Empretecendo a Universidade**
- **CAPÍTULO 3 - Aceita que dói menos: tem um homem negro educando nossos filhos.**

No primeiro capítulo, intitulado “**(Re)construindo identidades: A educação com agente na humanização de corpos masculinos negros**”, foram exploradas as experiências de PROFESSORES NEGROS FRACASSADOS que atuam na Educação Infantil. Suas narrativas revelaram como foram suas trajetórias educacionais e profissionais, destacando desafios, conquistas e a influência significativa do RACISMO e SEXISMO em suas vidas. A análise dos relatos demonstrou como a EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA desempenhou um papel crucial na formação e capacitação desses profissionais, abrindo espaço para discutir questões sobre IDENTIDADE, MASCULINIDADE, RAÇA E EDUCAÇÃO NO CONTEXTO BRASILEIRO. Além disso, as histórias compartilhadas por Pedro, Marcelo, João e Henrique enfatizam a importância de uma EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA que VALORIZE e RESPEITE a DIVERSIDADE e COMBATA OS ESTEREÓTIPOS RACISTAS enraizados na SOCIEDADE BRASILEIRA. O capítulo ressalta como a educação é uma ferramenta poderosa de RUPTURA dos paradigmas tradicionais, de modo a promover JUSTIÇA.

No segundo capítulo, intitulado “**Empretecendo a Universidade**”, conduzimos uma análise das conversas e das impressões reveladas pelos participantes, a fim de compreender a inserção de HOMENS NEGROS e o trajeto do FRACASSO NEGRO na ACADEMIA. Nosso objetivo foi investigar as intersecções que o RACISMO e SEXISMO operam sobre os desafios enfrentados por professores NEGROS da educação infantil durante a sua formação profissional.

Esse capítulo ainda apresenta uma discussão sobre POLÍTICAS PÚBLICAS DIRECIONADAS À POPULAÇÃO NEGRA, considerando conceitos como TERRITORIALIDADE<sup>12</sup>, AQUILOMBAMENTO<sup>13</sup>, LETRAMENTO RACIAL<sup>14</sup>, A HIPERSEXUALIZAÇÃO DE CORPOS NEGROS, ASCENSÃO SOCIAL E FRACASSO. Essa discussão é vital para desvelar as complexidades das experiências dos professores negros no cenário educacional, especificamente acadêmico, proporcionando perspectivas essenciais que devem ser consideradas no desenvolvimento de políticas e práticas educacionais mais justas.

É imperativo que olhemos criticamente para as nuances das vivências desses PROFSSIONAIS, reconhecendo a influência profunda das questões raciais na construção de suas trajetórias e na interação com o sistema educacional. Esse diálogo não é apenas uma busca por *insights* valiosos; é um chamado urgente para uma transformação/revolução estrutural, em que as experiências dos PESSOAS NEGRAS não apenas sejam reconhecidas, mas também ativamente integradas no processo de reformulação das políticas e práticas educacionais. É tempo de questionar e dismantelar as barreiras sistêmicas que perpetuam o racismo, as desigualdades, assegurando que as vozes de negros sejam não apenas ouvidas, mas fundamentais na construção de um sistema educacional verdadeiramente plural e equitativo de modo a contribuir com o nosso FRACASSO.

No terceiro e último capítulo, intitulado “**Aceita que Dói Menos: Tem um Homem Negro Educando Nossos Filhos**”, discutimos como o racismo, o sexismo e a homofobia exercem influências nas dinâmicas das relações na Educação Infantil. Tal discussão prioriza

---

<sup>12</sup>De acordo com Marcos Saquet (2009, p. 8) “A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana”.

<sup>13</sup> Na sua dissertação, Stéfane Souto (2020, p. 141) conceitua o aquilombar-se como “ato de assumir uma posição de resistência contra-hegemônica a partir de um corpo político”.

<sup>14</sup> De acordo com a Academia Brasileira de Letras, letramento racial é o conceito remete à racialização das relações, ou seja, o estabelecimento arbitrário de direitos e lugares hierarquicamente diferentes para brancos e não brancos, que legitimam uma pretensa supremacia do branco. Portanto, o racismo pode (e precisa) ser desconstruído, combatido, o que implica necessariamente lutar para que todos sejam efetivamente reconhecidos como cidadãos e que tenham de fato seus direitos garantidos.



as interações entre o PROFESSOR NEGRO e a instituição, considerando as relações desse profissional com o corpo docente, a equipe pedagógica, a direção, as famílias e as crianças.

Nesse capítulo, utilizamos as entrevistas feitas com os professores para analisar o impacto da presença de homens negros atuando como docentes educação infantil na dinâmica da escola e no desenvolvimento escolar das crianças. Isso nos permitiu explorar as nuances das interações entre os inúmeros sujeitos escolares e refletir a respeito de estratégias para mitigar os efeitos do RACISMO e do SEXISMO no ambiente educacional.

Nesse sentido, as autobiografias, conforme destaca Maria da Conceição Moita (1995), nos permitiram estabelecer um diálogo entre o indivíduo e o contexto sociocultural. A autora ressalta que essa metodologia evidencia a maneira como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, valores e energias para dar forma à sua identidade, estabelecendo assim um diálogo com seus contextos. Esse enfoque revela a singularidade de como as pessoas constroem suas identidades em interação dinâmica com os contextos que as cercam.

Assim, este trabalho se apresenta como forma de resistência e luta de corpos cotidianamente pressionados pelo RACISMO e que ao longo dos séculos têm RESISTIDO. Pretendemos, então, contribuir para a compreensão de que “O que as paredes pichadas têm prá me dizer, o que os muros sociais têm prá me contar, [...] é só regar os lírios do gueto que o “CORPOS NEGROS” vêm prá se mostrar”.

## **CAPÍTULO 1 - (RE)CONSTRUINDO IDENTIDADES: A EDUCAÇÃO COMO AGENTE DE HUMANIZAÇÃO DE CORPOS MASCULINOS NEGROS**

A educação tem desempenhado um papel fundamental na formação de indivíduos em sociedade. No entanto, para compreender plenamente o poder transformador da educação, é crucial reconhecer os desafios e obstáculos que determinados grupos enfrentam no processo de humanização. Em particular, quando consideramos a experiência de homens negros, sejam eles cisgêneros heterossexuais ou homossexuais, sejam eles transexuais heterossexuais ou homossexuais, torna-se evidente que o RACISMO, o SISTEMA COLONIAL, o SEXISMO e a HOMOFOBIA exercem uma influência significativa, moldando percepções e restringindo DIREITOS e OPORTUNIDADES.<sup>15</sup>

Nesse sentido o sistema educacional, muitas vezes, reflete e perpetua as desigualdades sociais existentes, criando barreiras para o pleno desenvolvimento e empoderamento das pessoas negras, aqui especificamente corpos negros masculinos. O racismo, seja de forma manifesta ou estrutural, IMPACTA NEGATIVAMENTE a autoestima, o acesso a recursos educacionais equânimes e de qualidade, bem como as expectativas colocadas sobre esses indivíduos. Ao abordar as experiências de homens negros, é essencial considerar não apenas a dimensão racial, mas também a interseccionalidade de identidades, incluindo sua orientação sexual e identidade de gênero. A interseccionalidade destaca como diferentes formas de discriminação se entrelaçam, amplificando os desafios enfrentados por esses homens em diversos aspectos de suas vidas.

Portanto, uma compreensão completa do poder transformador da educação requer um compromisso explícito com o FRACASSO, com o intuito de DENUNCIAR as INJUSTIÇAS estruturais e as manifestações de RACISMO no AMBIENTE EDUCACIONAL. Essa abordagem possibilita a criação de um espaço educacional mais JUSTO e PLURAL, que não apenas reconhece, mas também valoriza, respeita e promove as diversas identidades e experiências dos homens negros em sua jornada educacional e além.

Na condução desta pesquisa, contamos com a valiosa colaboração de três educadores. Estabelecemos critérios específicos para a participação nas conversas, incluindo a autodeclaração do participante como negro ou pardo, a experiência ou histórico de atuação

---

<sup>15</sup> De acordo com Jerome Bruner (2002, p. 46-47), uma narrativa é constituída por uma sequência única de eventos, estados mentais e ocorrências que envolvem seres humanos como personagens ou autores. Bruner acrescenta que uma narrativa pode ser tanto "real" quanto "imaginária" sem perder seu impacto como uma história.

como professores na educação infantil, bem como a lecionança na região sul do Brasil. Ressalta-se que a abordagem para a seleção dos participantes foi diversificada e, com o objetivo de preservar a privacidade desses colaboradores, optamos por atribuir a cada um deles nomes fictícios, sendo João, Henrique e Pedro os pseudônimos utilizados. Essa escolha visa assegurar o respeito à confidencialidade dos participantes, criando um ambiente seguro para que compartilhassem suas narrativas de vida e práticas profissionais no contexto da Educação Infantil.

A trajetória de Henrique, que teve a oportunidade de conhecer em 2023, é marcada por uma diversidade de experiências significativas. Integrante do corpo docente da instituição onde atualmente exerço minhas atividades profissionais, Henrique é um homem cisgênero de 44 anos que se autodeclara como "preto" e heterossexual. É originário de Capelinha das Graças, no alto Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais. Mudou-se para Vitória, Espírito Santo, ainda criança, em razão da necessidade de trabalho para seu pai, especialmente na zona rural.

Dotado de uma bagagem acadêmica diversificada, Henrique é graduado em Filosofia e Pedagogia, tendo cursado ambas as faculdades em instituições privadas. Sua jornada, que incluiu uma passagem pelo seminário, evoluiu para a paternidade e a filiação ao Partido dos Trabalhadores, refletindo seu engajamento político. Não apenas um acadêmico, Henrique também fez parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Henrique, há dois anos, desempenha o papel de educador na Educação Infantil no município de Araucária, região metropolitana de Curitiba, Paraná. Seu comprometimento com a formação das crianças e sua atuação na área educacional demonstram uma dedicação profunda às questões pedagógicas e sociais. A combinação de sua experiência diversificada e seu engajamento em movimentos sociais contribui para uma perspectiva única no contexto da educação infantil.

A indicação de Pedro, feita por um colega durante um evento, revelou-se uma valiosa contribuição para a pesquisa. Ao receber a informação sobre a presença de educadores negros envolvidos na Educação Infantil na cidade de São José, meu interesse foi imediatamente despertado, levando-me a entrar em contato com Pedro para integrá-lo ao estudo.

Pedro é um homem cisgênero de 30 anos que se autodeclara negro e heterossexual. Sua história tem raízes na cidade de São José, localizada na região metropolitana de Florianópolis, Santa Catarina. São José é o quarto município mais antigo do estado, fundado em 26 de outubro de 1750. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pedro encontrou na sua formação acadêmica uma oportunidade para

ingressar no campo da educação infantil. Atuando há 4 anos na primeira etapa da Educação Básica, ele traz consigo uma bagagem única e relevante para a pesquisa.

Um aspecto importante de sua jornada acadêmica é o fato de Pedro ter ingressado na universidade por meio de ações afirmativas, especificamente cotas raciais. Essa experiência não apenas destaca a importância das políticas de inclusão, mas também enriquece a compreensão das barreiras enfrentadas por pessoas negras no acesso à educação superior. Assim a história de Pedro contribui de maneira significativa para a pesquisa, oferecendo uma perspectiva única e enraizada em suas experiências pessoais e profissionais na educação infantil.

A presença de João durante meu período de graduação em Pedagogia foi notável, pois ele se destacou como um dos poucos homens negros na área, chamando minha atenção para sua singularidade dentro do contexto acadêmico. João, um homem cisgênero de 30 anos, abertamente gay e que se autodeclara negro, nasceu em Curitiba, Paraná. Sua trajetória acadêmica é marcada por uma conquista significativa, tendo se graduado pela Universidade Federal do Paraná.

Com uma experiência sólida na Educação Infantil, João dedicou 9 anos de sua carreira a esse trabalho no município de Curitiba. Atualmente, expandiu suas contribuições para o ensino fundamental, desempenhando suas funções em dois municípios: Curitiba e Pinhais.

É notável que Henrique, Pedro e João escolheram trabalhar em comunidades periféricas em suas respectivas localidades. Essa escolha ressalta o comprometimento desses educadores com o FRACASSO, de modo a levar suas contribuições para contextos que muitas vezes enfrentam desafios únicos e demandam abordagens que reconheçam a importância da diversidade cultural e a busca por criar um ambiente de aprendizado que respeite e valorize as experiências e perspectivas de todos os alunos

A diversidade de experiências e identidades presentes nas trajetórias de Henrique, Pedro e João contribuiu significativamente para a pesquisa, enriquecendo a compreensão das complexidades envolvidas no trabalho de educadores negros na educação infantil.

## **1.1 EDUCAÇÃO BÁSICA: NARRATIVAS DE PROFESSORES NEGROS EM SUAS TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS**

No âmbito deste subtema, apresentarei um segmento substancial das conversas, focando especificamente na parte em que discutimos a seguinte pergunta:

1) Qual foi a motivação pessoal que o levou a escolher o curso de pedagogia, ou outro que possibilitou a inserção na educação infantil? Poderia compartilhar algumas das razões pelas quais decidiu seguir essa carreira?

Direcionamos, com a questão, nossa análise para a Educação Básica, quando os participantes iniciam o processo de FRACASSAR, bem como as experiências educacionais desses homens antes de ingressarem na graduação. Essa etapa é vital para desvendar as origens e desafios enfrentados pelos professores negros em sua formação, proporcionando um contexto essencial para compreender as escolhas que os conduziram à trajetória na educação infantil.

Então! Minha família é formada por 11 irmãos, fora meu pai e minha mãe.  
**Henrique**

Desses onze irmãos, os quatro mais novos foram alfabetizados, os demais sabem assinar o próprio nome, mas são todos analfabetos. Isso aconteceu porque não tiveram oportunidade de frequentar a escola, já que fomos criados em um contexto rural com escolas muito distantes de casa. Além disso, não havia uma cultura de educação na família do meu pai; eles não enviavam os filhos para a escola, pois consideravam que os filhos deveriam ajudar a família no trabalho. Era uma cultura peculiar, porque nossa família era valorizada por fazendeiros devido ao grande número de pessoas nela. Todo fazendeiro queria uma família como a nossa, grande, porque era mais econômico para eles. Tínhamos sete homens para trabalhar e morar em uma única casa com a família. **Henrique**

Na escola, eu era um aluno muito tímido, mas me destacava nas notas, era um aluno nota 10. Mesmo que eu não falasse muito, minhas notas mostravam que eu estava lutando. Isso foi uma das minhas motivações, juntamente com as questões sociais que me faziam questionar o que estava errado. No norte do Espírito Santo, encontrei espaço para entender isso por meio das formações oferecidas pela igreja, especificamente, a igreja católica, na década de 90. Talvez possa adicionar um pouco sobre o que tínhamos nas comunidades eclesiais de base, um método de estudo chamado “ver, julgar e agir”. Esse método busca fazer uma reflexão da realidade, embora seja do ponto de vista da igreja. Hoje, discordo em alguns pontos, mas naquela época, me aproximei da vida religiosa e da vontade de transformar a realidade das pessoas e a minha própria realidade. Isso me fez acreditar que tinha uma vocação religiosa e que queria seguir a carreira religiosa, possivelmente ser padre, entre outras coisas. **Henrique**

Nesse meio da educação, a gente tem um colega que já virou colega da gente, de fora da unidade de trabalho. Ele trabalhava com a mãe desde aquela época. Ele era diretor, depois virou coordenador da creche, é um homem negro também, gay, e ele sempre foi muito atento com relação à educação. Sempre conversava com a mãe e o pai. Quando comecei a escolher o que ia fazer na graduação, ele foi uma pessoa que realmente influenciou, porque ele disse que a educação é boa, é legal. Tu faz um processo seletivo e está resguardado, pelo menos por 1 ano. Tu consegue ter um emprego fixo durante pelo menos 1 ano, e depois dá para abrir outras áreas. Sempre me incentivou também a fazer o mestrado e estar presente com relação aos estudos acadêmicos. Ele foi uma pessoa que, antes de entrar na graduação, deu bons conselhos para que eu ingressasse. Claro, alguns professores que tive também durante esses anos de ensino fundamental e médio fizeram com que eu tivesse interesse em educação. Tive poucos professores negros. **Pedro**

Sim, sim, ele era diretor. Também era um professor que fazia projetos na escola. Ele era um professor bem legal e tinha uma boa didática. **Pedro**

Ele foi contratado pela escola. Porque eu estudei no ensino fundamental em uma escola Marista, então tínhamos aulas formais e, nos finais de semana, tínhamos projetos. **Pedro**

Tá, eu não fui para a creche. Minha mãe, quando teve minha irmã – eu sou o segundo filho, né? – saiu do emprego para cuidar de nós. Então, eu comecei a escola só no infantil. Eu acho que comecei no Jardim 2 e depois no Jardim 3 na época, em uma escola privada. E quando entrei na primeira série, foi na escola onde eu trabalho hoje. Inclusive, é por isso que tenho uma relação afetiva com o meu trabalho, foi onde eu me constituí. Então eu fiz ali, primeira, segunda, terceira, quarta série e toda a minha educação básica foi na escola pública. Então eu fiz os meus primeiros 4 anos ali. Depois eu fui pra escola estadual, fiz quinta, sexta, sétima e oitava e aí depois fui pro instituto também, que era escola pública. Eu sempre fui bom aluno, sempre fui um bom aluno de não, é, não era o melhor da turma, mas eu sempre fui. Eu tenho característica de ser a criança que não dá problema, né? Então eu não tirava as melhores notas, mas eu era um bom aluno. Eu era e vamos dizer assim, comportado, não tinha problema de indisciplina e também eu tinha uma excelente relação com os meus professores sempre tive boa relação, boas relações com os professores. Na quinta à sexta, à oitava, eu frequentei uma escola onde tinha muitas pessoas da minha família que trabalhavam, tinha as minhas 2 avós que trabalhavam nessa escola meu avô é um tio e 2 tias. Tinha 6 pessoas da minha família que trabalhavam no estadual, nesse caso na escola estadual Professor Nilo Brandão. Então eu tinha todo esse contexto que me protegia de muitas coisas. Quando a gente fala de menino, de adolescente gay. Porque daí tinha um contexto que eu era sobrinho da inspetora que era a inspetora que todo mundo obedecia, então eu passava muitos recreios com a tia Ana, ficava com ela na hora do Recreio, ela ficava a tia Ana, então eu cresci nesse ambiente, assim, protegido. Eu sou uma criança que se a gente falasse gênero eu não sofri tanto dentro da escola nessa fase. Porque eu tinha familiares me protegendo, então existiam algumas situações de *bullying*, ela era muito assim pontuais e muito assim, nada muito gritante, gritante assim, o que quero te dizer, nada muito. Agora eu tinha todo esse contexto, então as pessoas sabiam que, né? Os professores sabiam quem eu era, os meus colegas de sala sabiam que eu tinha todo esse contexto ali em volta, enfim. Então existia uma coisa que meio que assim a galera, não faria um tipo de brincadeira ou qualquer coisa relacionado a isso comigo. E aí no magistério tinha mais, mas aí tem um outro contexto que eu estava num lugar que também aí é uma coisa que me protege, que era um lugar predominantemente feminino, né? Então os gays são amigos das meninas, então estava tudo bem, porque eu cresci nesse espaço. Primeiro ali de base familiar, então tinha essa proteção e depois com as garotas e também. Raramente vivi episódios de preconceito relacionados a gênero, ali, muito pelo contrário, a maioria delas incentivava, vai ser viável mesmo do que qualquer outra problemática, entendeu? **João**

Após análise do diálogo dos três, elaboramos esse quadro que nos permite destacar os principais pontos em comum nas histórias de Henrique, João e Pedro, enfatizando as influências positivas, o desejo de estabilidade e a importância da educação em suas trajetórias referente a educação básica e suas experiências. Abaixo, segue uma representação visual desses pontos em comum:

<b>ASPECTO</b>	<b>HENRIQUE</b>	<b>JOÃO</b>	<b>PEDRO</b>
<b>Influência de Mentores</b>	Igreja, Movimento Social	Não mencionado	Colega de Trabalho da mãe
<b>Foco na Estabilidade profissional e Educação</b>	Buscava estabilidade e questionamento social	Buscava estabilidade e melhoria de vida	Buscava estabilidade de emprego
<b>Incentivo aos Estudos Acadêmicos</b>	Sim, enfatizava estudos acadêmicos	Sim, incentivo ao mestrado	Não mencionado
<b>Boas Relações com Professores</b>	Mencionou boas relações com professores	Excelente relação com professores	Não mencionado
<b>Educação Pública</b>	Começou em escolas privadas, mas a educação básica foi em escolas públicas	Educação básica principalmente em escolas públicas	Ingressou na educação infantil na escola pública
<b>Influência Familiar</b>	Cresceu em família numerosa	Familiares trabalhavam na escola estadual frequentada	Não mencionado



<b>Comportamento na Escola</b>	Bom aluno e não problemático	Bom aluno e não problemático	Não problemático e amigável com colegas do gênero feminino
--------------------------------	------------------------------	------------------------------	--

A análise revela que, na Educação Básica de homens negros, diversos aspectos desempenham um papel fundamental em sua formação. Tais elementos incluem as relações entre alunas/os e professoras/es, a busca por estabilidade profissional e educação, o estímulo aos estudos acadêmicos, o comportamento do corpo negro, bem como a influência da educação pública e da família. Estes fatores emergem como elementos de extrema importância na trajetória educacional desses homens, suscitando discussões e reflexões relevantes.

No entanto, é notável que tais elementos são muitas vezes fundamentais para desafios e obstáculos enfrentados por esses homens, o que é expresso pelo termo "FRACASSO". Essa observação sugere que, embora esses aspectos tenham desempenhado um papel significativo em suas vidas, também podem representar barreiras e pressões que contribuem para dificuldades ao longo de suas trajetórias educacionais. A análise desses elementos complexos ofereceu uma visão mais aprofundada das experiências dos homens negros na Educação Básica, destacando principalmente os desafios que moldam as jornadas dos HOMENS NEGROS. Esses desafios se apresentam em uma sociedade “da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal”, engendrada no racismo e sexismo, um mundo onde um negro inteligente” CORRE “o risco de ser punido” (bell hooks, 2015,p.678).

Contudo, ao analisar as autobiografias para a elaboração desta dissertação, surge a percepção contundente de que nós, negros/as, ao nos posicionarmos como FRACASSADOS, capazes de ler, escrever, pensar e produzir conhecimento, desafiamos e frustramos a lógica RACISTA, COLONIAL, PATRIARCAL, ELITISTA, CLASSISTA E HOMOFÓBICA que permanece presente em nossa sociedade. Essa narrativa de FRACASSO questiona e subverte as expectativas impostas por estruturas opressivas, evidenciando a FORÇA, a RESISTÊNCIA e a CAPACIDADE INTELECTUAL DE INDIVÍDUOS NEGROS que, apesar dos desafios sistêmicos, emergem como agentes ativos na construção do conhecimento.

## 1.2 Educação Pública e Trajetórias de Corpos Negros no Sul do Brasil: Um Olhar sobre a Formação e Identidade

As relações entre alunas/os e professoras/es, a busca por estabilidade e educação, o estímulo aos estudos acadêmicos, o policiamento do comportamento do corpo negro e a influência da educação pública e da família estabelecem entre si conexões intrínsecas e interdependências. Cada um desses componentes contribui para moldar as experiências dos homens negros na educação básica de maneira inter-relacionada, criando um tecido complexo que influencia formação profissional e identitária desses sujeitos.

As relações entre alunas/os e professoras/es, por exemplo, podem impactar diretamente a PERCEPÇÃO DO CORPO NEGRO NA ESCOLA, influenciando o comportamento e as experiências sociais desses indivíduos, como é possível analisar na fala dos participantes. Percebeu-se nas autobiografias que a busca por estabilidade profissional e educação está intimamente ligada ao estímulo aos estudos acadêmicos, formando uma base sólida para o desenvolvimento educacional e profissional. Simultaneamente, o policiamento do comportamento do corpo negro pode surgir como um desafio a ser enfrentado, muitas vezes afetando a autoexpressão e a identidade desses sujeitos, o que eu considero estratégias firmadas em estereótipos racistas para nos manter nas subclasse DESUMANIZADA, em que “homens negros são muitas vezes concebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais” (bell hooks, 2015, p.678).

Bell Hooks (2015, p. 678), ao debater a escolarização de homens negros, denuncia algumas artimanhas da "cultura da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal". A autora ressalta que, nos últimos anos do século XIX e no início do século XX, homens negros que aspiravam libertar-se da escravidão enxergavam na educação uma rota de fuga. Contudo, devido à escassez de recursos materiais, era comum que famílias negras optassem por enviar suas filhas para a escola, enquanto os filhos eram instados a buscar oportunidades de trabalho.

Essa prática persiste, conforme evidenciado por Pedro, que relata o esvaziamento de jovens negros no Ensino Médio e a quase total ausência de seus pares na universidade. Pedro compartilha que, entre as demandas dos estudos e a busca por recursos financeiros mínimos,

muitos de seus conhecidos se veem quase obrigados a abandonar a escola, ingressando precocemente no mercado de trabalho, frequentemente ocupando posições no setor de serviços.

Nesse contexto, a narrativa de Pedro desvela uma estratégia racista que perdura ao longo dos séculos. A falta de acesso equitativo à educação superior, as barreiras financeiras e as pressões socioeconômicas influenciadas pelo racismo continuam a impactar desproporcionalmente os jovens homens negros, limitando suas oportunidades de ascensão acadêmica e profissional. A perpetuação dessas disparidades reflete não apenas desigualdades contemporâneas, mas também a persistência histórica de estruturas discriminatórias que moldam o caminho dos indivíduos negros no sistema educacional e no mercado de trabalho.

bell hooks (2015, p. 679) denuncia que :

[...] jovens negros, desproporcionalmente numerosos entre os pobres, são socializados para acreditar que a força física e a resistência são as únicas características verdadeiramente importantes. Essa socialização, presente tanto na atualidade quanto durante a escravidão, prepara esses jovens para serem mantidos como membros permanentes de uma subclasse, sem escolhas, e dispostos a recorrer à violência quando necessário, em nome do Estado. Homens negros sem privilégios de classe sempre foram alvos da deseducação, sendo ensinados que o “pensar” não é um trabalho valioso e que não os ajudará a sobreviver. Muitos homens negros, tragicamente, sucumbem a essa socialização, e não é por acaso que aqueles com intelecto brilhante acabam presos desde jovens, sendo considerados ameaçadores, maus e perigosos.

Nesse contexto, torna-se crucial que a educação oportunizada nas escolas públicas seja ANTIRRACISTA, desempenhando um papel significativo nas trajetórias educacionais e pessoais dos homens negros. Conforme destacado por bell hooks (2015), a persistência de estereótipos RACISTAS exerce impacto prejudicial e profundo na educação e no desenvolvimento intelectual de jovens negros, reforçando, assim, as injustiças, violências e desigualdades sistêmicas.

O quadro abaixo nos permite a compreensão de que as experiências educacionais de homens negros requerem uma análise atenta e de forma global, considerando a influência de diversos elementos que moldam suas trajetórias acadêmicas. Esse contexto envolve a interação complexa entre a influência da educação pública e da família, as relações entre alunos e professores e o estímulo aos estudos acadêmicos. A qualidade da educação pública e

o suporte familiar desempenham papéis fundamentais na busca por estabilidade e uma base educacional sólida. Além disso, as relações interpessoais entre alunos e professores exercem impacto direto no comportamento dos estudantes, influenciando o estímulo aos estudos. Esse último, por sua vez, está intrinsecamente ligado às relações entre alunas/os e professoras/es, visto que o incentivo ativo dos educadores pode desempenhar um papel significativo no desenvolvimento acadêmico dos alunos. Assim, esse panorama multifacetado destaca a complexidade das experiências educacionais de homens negros, ressaltando a importância de uma abordagem abrangente na compreensão dessas trajetórias.

**Influência da educação pública e da família:** A influência da educação pública e da família pode estar ligada à busca por estabilidade e educação, uma vez que a educação pública e o apoio da família desempenham um papel fundamental na obtenção de educação e estabilidade na vida de um indivíduo.

**Relações entre alunos e professores:** As relações entre alunos e professores podem influenciar diretamente o comportamento dos alunos e o estímulo aos estudos acadêmicos. Um ambiente de apoio e interações positivas entre professores e alunos pode estimular o interesse pela educação.

**Estímulo aos estudos acadêmicos:** O estímulo aos estudos acadêmicos pode estar relacionado às relações entre alunas/os e professoras/es, pois professoras/es que incentivam os alunos a se dedicarem aos estudos podem influenciar positivamente o comportamento dos alunos.

Portanto, esses aspectos estão interconectados e demonstraram ter influenciado o desenvolvimento e o engajamento educacional, bem como o comportamento dos indivíduos que participaram desta pesquisa, além de desempenharem um papel crucial na elaboração de estratégias de sobrevivência nos ambientes educacionais analisados. Nesse sentido, vale ressaltar a importância de considerarmos como se dá a educação de pessoas negras desde a sua gênese, pois isso permite uma compreensão mais abrangente das experiências e desafios enfrentados ao longo de suas trajetórias educacionais. Essa perspectiva de analisar a educação de pessoas negras como um todo e não de maneira fragmentada é essencial para desenvolver abordagens mais eficazes na promoção da equidade e da pluralidade, de modo a extinguir as

desigualdades presentes no sistema educacional para que não mais constatemos o que Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2000, p. 134) relatam:

[t]odas as vezes que se inicia qualquer reflexão sobre a escolarização dos negros no Brasil, o ponto de partida é o irremediável lugar-comum da denúncia. Em outros termos, o presente, com todas as suas injustiças e mazelas, se afigura como única dimensão histórica do problema. O passado, quando aparece, serve apenas para confirmar tudo aquilo que o presente nos comunica tão vivamente

No meu entendimento, a presença de uma pessoa negra em algum espaço educacional representa um ato político e um gesto de resistência, a maior demonstração FRACASSO. No entanto, para que isso ocorra, alguém precisa dar o primeiro impulso, tornando-se uma fonte de inspiração. A primeira história de FRACASSO que ouvi na minha vida, que foi tanto INSPIRADORA quanto cheia de desafios, está relacionada à vida da minha mãe. Ela é uma mulher negra, cis, com apenas um metro e quarenta e dois centímetros de altura, mas é gigante em suas conquistas e realizações.

Minha mãe, aos nove anos, tomou uma decisão corajosa de sair de sua casa na zona rural de São Thomé das Letras, MG, motivada por uma promessa feita por um casal da cidade de Três Corações, Minas Gerais, que ofereceu a seus pais um salário, moradia, alimentação e educação para empregá-la. Apesar da desaprovação de sua mãe, minha mãe e seu pai viram nessa oportunidade a chance de aprender a ler, algo que meu avô considerava inestimável. A jornada de minha mãe é um exemplo notável do FRACASSO. Após oito meses de trabalho árduo sem a prometida educação, ela tomou a corajosa decisão de fugir e buscar emprego e abrigo em outra casa, onde permaneceu empregada até 2019. A trajetória de vida de minha mãe é atravessada por LUTAS e FRACASSOS, que lhe possibilitaram a aquisição da leitura e da escrita. Isso contribuiu significativamente para o rumo da vida dela e da família, pois possibilitou que os levasse para a cidade.

Assim, a experiência dela com a educação a motivou e inspirou a mim e a minha irmã a nos dedicarmos aos estudos. Enquanto escrevo estas linhas, posso ouvir a voz dela dizendo: “A coisa mais valiosa que vou dá ‘proce’ vai ser a educação. Ela vai te ajudar a ler e o entender das coisas e também ela vai te dar lápis “proce” escrever os caminhos da tua vida”.

Desse modo, a educação foi apresentada a mim como uma importante ferramenta para o meu FRACASSAR.

Contudo, ser letrada e alfabetizada não foi o suficiente para que minha Yá ascendesse socialmente ou tivesse seus direitos mínimos respeitados. Isso ecoa as palavras de Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2000, p. 134), que denunciam: “a falácia da igualdade de oportunidades para todos”, desmitificando o caminho da educação para os negros, marcado por desafios persistentes e desigualdades que precisam ser superados. É notório que as intercessões de raça e gênero determinam essas trajetórias: ser apenas letrado/a, especialmente se for negra e mulher, não é o suficiente para te garantir um futuro de SUCESSO.

No entanto, para meus pais, e especialmente para minha mãe, a educação sempre se revelou como uma oportunidade de alcançar uma vida melhor, mesmo que modestamente. Para ela, a habilidade de ler e escrever tem o poder de transformar a vida de alguém, especialmente a nós, negros, pois a educação nos capacita a desafiar as expectativas que existem sobre nós desde o nascimento. Isso representa uma mudança que vai além das palavras, uma mudança que desafiava a IDENTIDADE que nos foi atribuída desde o início, simplesmente por sermos negros. Assim, para pensarmos a EDUCAÇÃO de NEGROS é essencial que olhemos atentamente para as INTERSECÇÕES entre RAÇA e GÊNERO.

### **1.3 Identidade Negra Masculina “Periférica”**

A identidade negra masculina é uma construção complexa e multifacetada que reflete experiências, desafios e triunfos de homens negros em sociedades historicamente marcadas pelo RACISMO. Nossa identidade é forjada a partir de uma herança de muita LUTA e RESISTÊNCIA, CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS SIGNIFICATIVAS e uma busca constante por JUSTIÇA e IGUALDADE DE DIREITOS.

Ao refletir sobre a identidade negra, é crucial considerarmos o que Petronilha Beatriz Gonçalves Silva (1987) destaca: setores da sociedade, incluindo o governo e o poder econômico, muitas vezes não desejam que pessoas negras desenvolvam uma identidade

própria. Em vez disso, nossa identidade é atribuída ou imposta a nós. A autora ressalta que a identidade de um indivíduo negro frequentemente é INVENTADA E ALIMENTADA por aqueles que têm interesse em manter as disparidades sociais existentes.

Para conceituar de forma detalhada a “Identidade Masculina Negra e Periferica”, utilizei, como fundamentação teórica e conceitual, os escritos de Petronilha Beatriz Gonçalves Silva (2015), Stuart Hall (2014) e Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), pois descrevem com maestria a identidade do “Negro”.

Stuart Hall (2000, p. 111-112) explicita:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.

Em outra oportunidade, Stuart Hall (2014) dialoga com vários autores sobre identidade, constatando a importância de pensá-la para além de formular o conceito que dê conta da sua totalidade. O estudioso jamaicano reitera que, antes, é necessário parar e pensar nas formas de dominação.

Petronilha Beatriz Gonçalves Silva (1987, p. 141) afirma que a formação da identidade, apesar de ser uma construção do indivíduo, decorre da singularidade do olhar do outro. A autora destaca que quando o indivíduo é negro e trabalhador, recebe uma identidade por doação ou por imputação pelo governo e/ou pela sociedade (ideologia social) e pelo poder econômico dominador. Nesse contexto, a educação tem papel importante para descortinar inverdades, rompendo as ideologias impostas sobre o homem negro.

Entretanto, é crucial enfatizar a necessidade de uma abordagem cuidadosa na (re)construção da identidade, especialmente quando se trata da masculinidade. É essencial que, como homens negros, evitemos modelar nossa masculinidade segundo os padrões da branquitude e da cis heterossexualidade, que buscam manter uma supremacia inquestionável em relação a raça e gênero, muitas vezes silenciando as experiências das “masculinidades periféricas” a qual pertencemos, como apontado por Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017, p. 94).

Nesse sentido precisamos entender que nós, CORPOS NEGROS MASCULINOS,



jamais corresponderemos aos anseios da norma cis heterossexual branca de classe média (Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2017), pois estamos imersos em uma sociedade com valores RACISTAS que expõe os corpos masculinos negros a processos “de legitimação da expropriação econômica, dos bens, dos corpos, dos territórios e dos frutos do trabalho” (Osmundo Pinho, 2008, p. 273).

#### 1.4 O COMPORTAR DOS CORPOS NEGROS

A partir da definição do dicionário Oxford, “comportamento” se refere à maneira como uma pessoa age em relação a outras, especialmente no que diz respeito às normas de boas maneiras. No entanto, essa noção de “boas maneiras” muitas vezes é distorcida e utilizada pelo racismo para construir perfis baseados em estereótipos. Esse processo resulta invisibilização, criminalização, silenciamento e desumanização das pessoas negras. Essa discussão é explorada por Kambenguele Munanga (1999) ao denunciar que os estereótipos negativos em relação aos/às negros/as incluem ideias preconceituosas e simplificadas que perpetuam concepções injustas e discriminatórias sobre essa comunidade. O autor lista alguns estereótipos negativos:

**Inteligência limitada:** a ideia de que pessoas negras são menos inteligentes do que pessoas brancas é um estereótipo prejudicial que persiste há muito tempo. Isso pode levar à discriminação na educação e no mercado de trabalho.

**Criminalidade:** a associação entre negros e a criminalidade é um estereótipo amplamente difundido, resultando em perfis raciais e prisões injustas. Essa percepção errônea pode levar a preconceitos raciais no sistema de justiça criminal.

**Preguiça:** o estereótipo de que negros são preguiçosos ou não têm ambição é injusto e prejudicial. Isso pode dificultar o acesso a oportunidades de emprego e avanço na carreira.

**Promiscuidade:** estereótipos de promiscuidade sexual são usados para desumanizar mulheres negras, reforçando estereótipos sexistas e racistas.

**Violência:** a ideia de que negros são inerentemente violentos ou agressivos é um estereótipo que pode levar à brutalidade policial injusta e à justificação de tratamento violento.

**Inabilidade financeira:** O estereótipo de que negros são financeiramente irresponsáveis ou que não podem gerenciar dinheiro de forma adequada é injusto e pode

levar a discriminação financeira.

**Falta de educação:** A ideia de que negros são menos educados ou cultos do que outras raças pode prejudicar oportunidades educacionais e profissionais.

**Supersexualização dos corpos negros** (em particular das mulheres negras): é um estereótipo que as objetifica e as torna vulneráveis à exploração sexual.

**Hipersexualização dos corpos negros masculinos:** a construção da imagem do homem negro como hipersexualizado serviu para justificar a exploração e o abuso sexual sofridos por indivíduos negros durante a escravização no Brasil. O autor ainda afirma que a hipersexualização persiste na sociedade brasileira contemporânea, contribuindo para a objetificação, a desumanização e o medo destes corpos.

Alguns desses estereótipos foram identificados nas entrevistas realizadas com os três colaboradores da pesquisa. Nos trechos abaixo é possível identificar como o racismo atua para moldar discursos e condutas de homens negros, fazendo com que controlem narrativas e expressões gestuais.

Entendo que, por ser hétero e negro na sociedade, precisamos ser o mais educado possível para que as pessoas nos vejam de forma positiva. **Pedro**

Mesmo que eu não falasse muito [...]. **Henrique**

Eu era, vamos dizer assim, comportado, não tinha problema de indisciplina e também eu tinha uma excelente relação com os meus professores sempre tive boa relação, boas relações com os professores. **João**

As falas desses três professores negros têm em comum a ênfase nas maneiras como o racismo impactou e impacta na percepção e nas expectativas em relação a comportamentos e condutas. Eles compartilham experiências em que as normas sociais, arraigadas numa lógica branca, patriarcal, colonial, classista e racista, tentaram e tentam moldar suas vidas e interações. Isso inclui:

**Expectativas em relação ao comportamento:** Os professores mencionam como suas ações eram avaliadas de acordo com regras de "boas maneiras", frequentemente refletindo estereótipos raciais. Essas expectativas exercem influência em suas vidas e experiências diárias.

**Invisibilização e desumanização:** Os relatos destacam como o racismo frequentemente invisibiliza, desumaniza e silencia as pessoas negras, tratando-as como se não fossem indivíduos únicos, mas sim como representantes de um estereótipo racial.

**Percepção das boas maneiras:** Os professores questionam o conceito de "boas maneiras" e como essas normas sociais podem ser distorcidas e utilizadas como ferramentas de discriminação contra eles. Isso evidencia a complexidade das interações sociais permeadas pelo viés racial, impactando diretamente suas vivências.

Em suma, eles demonstram que o racismo influencia a percepção e as expectativas em relação ao comportamento das pessoas negras, uma discussão que é relevante para compreender como o racismo opera em contextos educacionais e sociais mais amplos. bell hooks (2015) destaca que, em comparação com outros grupos masculinos, os homens negros frequentemente enfrentam estereótipos que os retratam como desprovidos de habilidades intelectuais. Esses estereótipos são baseados em valores racistas, sexistas, classicistas e por vezes homofóbicos, que tendem a enfatizar a aparência física e os gostos intelectuais em detrimento da capacidade mental..

Mais do qualquer outro grupo de homens em nossa sociedade, os homens negros são muitas vezes concebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais. Sob a visão estereotipada do racismo e do sexismo que os veem como mais corpo do que mente, homens negros estão propensos a serem recebidos pela sociedade da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal, como sujeitos que parecem ser idiotas ou, como nós que crescemos nos anos 1950 costumávamos dizer, pessoas lentas (isto é, pouco inteligentes). Na infância, era óbvio para todos em nosso bairro negro que, quando um homem negro pensava demais, ele passaria a ser visto como uma ameaça pelo mundo racista. (bell hooks, 2015, p. 678)

A autora também sugere que, sob o peso desses estereótipos prejudiciais, os homens negros podem ser percebidos como pouco inteligentes ou até mesmo como “pessoas lentas”. Isso reflete a herança de discriminação racial e do preconceito, que continua a afetar as oportunidades e o tratamento desses indivíduos na sociedade contemporânea. bell hooks destaca, ainda, como a expressão de pensamento crítico e intelectualidade por parte de homens negros pode ser vista como uma ameaça por aqueles que mantêm preconceitos racistas, o que, por sua vez, pode afetar suas interações e oportunidades na sociedade.

Contudo, foi possível perceber que tanto eu quanto os participantes utilizamos a norma racista para subverter a “cultura da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal” que nos impõe elementos NÃO REAIS. As narrativas me permitiram perceber que ao aparentemente respeitar a norma SUPREMACISTA BRANCA, CAPITALISTA, COLONIAL foi utilizado como estratégia de sobrevivência, bem como forma de alcançar o tão desejado FRACASSO.



## CAPÍTULO 2. EMPRETECENDO A UNIVERSIDADE

Socialmente falando, seja o ensino primário, seja no ensino superior, assim como nas relações pessoais ou profissionais, as regras eram muito similares, isto é, construídas a partir do pensamento eurocêntrico, racista, machista, cristão e LGBTfóbico, que exige ajustamentos das pessoas, principalmente daquelas consideradas “menos iguais”. [...] Desenvolver essa consciência foi decisivo em minhas escolhas profissionais, intelectuais e políticas, que me conduziram inicialmente para a universidade, depois para o movimento social de negros e negras e, posteriormente, para o movimento LGBT na expectativa também de romper com as amarras que impunham uma normatização. (Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2017, p 28)

O relato de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) se apresenta como um alerta. A autora aborda sua trajetória pessoal e profissional, destacando sua conscientização em relação às normas sociais baseadas em pensamento EUROCÊNTRICO, RACISTA, MACHISTA, CRISTÃO E LGBTFÓBICO. Ela descreve como essa CONSCIENTIZAÇÃO influenciou suas escolhas e a levou a se envolver em atividades e movimentos que buscam combater essas normas e promover a IGUALDADE E A JUSTIÇA SOCIAL. A partir de sua experiência e perspectiva, a autora enfatiza a importância de DESAFIAR AS ESTRUTURAS DE PODER E AS FORMAS OPRESSIVAS que moldam nossa sociedade e educação.

No âmbito deste segundo capítulo de nossa dissertação, o foco recai sobre uma análise profunda das conversas e impressões colhidas junto aos participantes. O objetivo central deste capítulo é DENUNCIAR e EXPLICITAR o acesso e a permanência de homens negros na academia, com especial destaque para sua formação e atuação como professores na Educação Infantil. Esta etapa da pesquisa tem como objetivo investigar a jornada acadêmica desses educadores, desvendando os desafios e as oportunidades que se apresentam ao longo da graduação. À medida que avançamos, seremos conduzidos por suas histórias, experiências e visões, explorando os obstáculos que enfrentam, assim como as ESTRATÉGIAS ADOTADAS para superá-los e prosperar em um ambiente muitas vezes marcado por RACISMO, SEXISMO E DESIGUALDADES.

Conforme nos aprofundamos nesta investigação, torna-se evidente não apenas a importância de reconhecer os desafios que enfrentamos, mas também as ESTRATÉGIAS que empregamos na diversificação e aprimoramento da academia, contribuindo, por conseguinte, para o enriquecimento da Educação Infantil. Ao término deste capítulo, propomos uma reflexão mais aprofundada sobre como os participantes influenciaram e foram influenciados pela academia, proporcionando informações valiosas que podem orientar esforços futuros em

prol do ACESSO, da PERMANÊNCIA, da EQUIDADE e da JUSTIÇA no Ensino Superior, contribuindo para o nosso FRACASSO.

Neste ponto da pesquisa, direcionamos nossa atenção para as narrativas e memórias dos participantes durante seu período na universidade. Nosso objetivo é compreender e refletir mais profundamente sobre as vivências desses homens negros durante o processo de formação acadêmica, procurando responder à seguinte pergunta:

4) Como você percebe que sua identidade racial afetou suas experiências e interações no ambiente acadêmico e de estágio durante a graduação? Você enfrentou o desafio relacionado ao racismo, sexismo e homofobia a falta de ou a falta de representatividade durante esse período?

## **2.1 A PORTA DE ENTRADA: DESAFIOS E SURPRESAS NA UNIVERSIDADE PARA PROFESSORES EM FORMAÇÃO**

A entrada na universidade representa o ponto de partida de uma jornada repleta de DESCOBERTAS, DESAFIOS e TRANSFORMAÇÕES para os professores em formação. Neste subtema, exploraremos as experiências iniciais desses educadores NEGROS ao adentrarem esse ambiente. Nesse momento crucial de suas trajetórias acadêmicas, eles se veem diante de uma liga perfeita de expectativas e incertezas, que colabora, de certa forma, com as adversidades e acontecimentos inesperados.

Ao examinar atentamente as conversas dos futuros professores e as experiências iniciais na academia, é possível identificar elementos que são universalmente compartilhados em pessoas NEGRAS. Essa constatação reforça a influência do RACISMO nas estruturas, bem como nas práticas pedagógicas no ambiente acadêmico. Mesmo diante de contextos e trajetórias individuais diversas, as impressões e os desafios iniciais de pessoas NEGRAS ao entrar na universidade mostram semelhanças marcantes, especialmente no que diz respeito a questões raciais.

Os relatos compartilhados e até mesmo a minha trajetória apresentam paralelos intrigantes. O SENTIMENTO DE SINGULARIDADE, de serem frequentemente os ÚNICOS em suas turmas com determinadas características ou experiências é uma constante. Além

disso, a necessidade de adaptar-se a um ambiente acadêmico por vezes hostil e violento, que impõe normas e expectativas, é outro fator recorrente.

## 2.2 VOZES DA (RE)EXISTÊNCIA: PROFESSORES NEGROS EM FORMAÇÃO

Neste subtema, direcionamos nossa atenção para a terceira pergunta que permeia nossa pesquisa, atentos ao período formativo dos professores negros na educação infantil na região sul do Brasil. A pergunta que conduziu nossas reflexões é a seguinte:

3) Durante o período da sua graduação, quais foram os desafios e oportunidades que você encontrou como um homem negro em um campo predominantemente feminino? Como essas experiências mudaram suas expectativas e percepções, influenciando suas escolhas?

Verificamos as vivências e trajetórias desses educadores, focalizando não apenas nos aspectos acadêmicos, mas também nas nuances culturais e sociais que permearam sua jornada durante a formação. O objetivo é compreender de que maneira a interseccionalidade entre gênero e raça influenciou as experiências desses profissionais, examinando os desafios enfrentados, as oportunidades identificadas e as transformações ocorridas ao longo desse significativo período educacional.

Vamos adentrar nas narrativas dos professores, de modo a OUVIRMOS com ATENÇÃO as VOZES e experiências únicas de modo a sermos guiados pela complexa rede de fatores que moldaram suas trajetórias na graduação, contribuindo para uma compreensão mais profunda do cenário educacional e social em que estavam imersos.

Daí eu olhei nas ementas dos cursos da UFSC, principalmente na UFSC e na Udesc, que são próximas da minha casa. Então a educação física foi o que mais chamou minha atenção, então escolhi educação física. **Pedro**

Achei também que seria mais fácil de passar no vestibular. Enfim, eu lembro muito assim na segunda fase do vestibular, que foi no domingo e na segunda nossa eu chorei muito na hora do almoço, estava muito nervoso. E para fazer o vestibular, enfim, daí acabei passando na pedagogia [...]. Eu concorri porque tinha cotas e aí fui fazer por cotas. **João**

Quando fui para a escola eu tinha 10 anos de idade. Então nunca mais parei de frequentar o espaço escolar. Isso faz parte da minha formação e, mais tarde, como professor, tive a oportunidade de entender por que escolhi seguir a filosofia e depois a pedagogia. [...] não fui cotista, mas todo o meu percurso acadêmico foi marcado por tentativas de convencer as pessoas sobre a dívida histórica que o Brasil tem com os negros. **Henrique**



Essas passagens ressoam com o que defende Kabengele Munanga, 2023:

A educação é importante porque é através da educação que se cria todos os preconceitos, que se cria indivíduos racistas, machistas, sexistas, tudo passa pela educação. Então, a educação é o caminho para desconstruir os monstros que a própria educação criou. Mas a gente precisa ter outra educação. Uma educação antirracista, uma educação que valoriza as diferenças, que valoriza a diversidade, que constitui a riqueza coletiva da humanidade.

Diante desses relatos, não pude deixar de recordar o meu primeiro dia de FRACASSADO na Universidade Federal do Paraná, ao subir a imponente rampa da reitoria observando as paredes adornadas com pastilhas verdes, senti-me maravilhado, como se estivesse adentrando os portões do castelo do saber. Eu, Marcelo, acredito que o acesso e a permanência de um homem negro na educação pode ser uma máquina de produzir FRACASSOS.

A educação sempre se apresentou para mim como o potencial de suprimir inverdades, bem como o poder de ajudar uma sociedade a romper com o paradigma histórico, social e cultural, construído de modo a subjugar NEGROS/AS. Nesse processo, entendo a escola como espaço dialógico, democrático, de disputa, de fomento ao conhecimento. Assim, presença do homem negro na Educação Infantil contribui para a desconstrução do olhar racista, sexista, de “bestialidade” e preconceituoso imposto sobre esses CORPOS.

O ambiente educacional deve SER LUGAR SEGURO e PROPÍCIO tanto para a construção de conhecimento como para debate de modo a rompermos com paradigmas históricos, sociais e culturais. DEBATER sobre as relações étnico-raciais nos capacita a produzir conhecimentos que nos instrumentalizará e nos tornará capaz de superar essa deformidade imposta sobre CORPOS NEGROS.

Ao abordar as relações étnico-raciais, identidade e gênero no âmbito do profissional homem negro, destaco a necessidade de revelar e combater o preconceito que marginaliza essa figura em posições qualificadas no ambiente público e educacional. Nessa perspectiva, Dias (2012, p. 661) ressalta o envolvimento de profissionais dedicados a transformar a escola em um espaço de debate, visando combater o racismo e a discriminação racial.

Há muito, homens e mulheres dedicados a combater o racismo na sociedade brasileira apontam a educação escolar e, por consequência, a ação dos professores como importantes para o fomento de valores nos quais a discriminação racial, o racismo e o preconceito não estejam presentes. São ricas, diferenciadas e múltiplas as ações desenvolvidas pelo movimento negro para alcançar tal intuito,

por isso há uma produção a ser conhecida e compreendida nesse universo.

Louro (1997, p. 18) ressalta que:

As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. (LOURO,1997 p.18).

As narrativas destacam a importância crucial do cumprimento dos direitos educacionais para romper as amarras das desigualdades alimentadas pelo racismo e sexismo presentes no ambiente acadêmico. A educação na sua plenitude, seja ela básica, profissional e ou superior, emerge como um antídoto capaz de desconstruir os preconceitos enraizados na sociedade, conforme enfatizado por Louro (1997). Ao REFLETIR sobre os relatos de Pedro, Henrique e João, percebemos o quão ainda são hostis às instituições educacionais. A REPRESENTATIVIDADE e o COMPROMISSO com uma EDUCAÇÃO DE QUALIDADE para TODOS e TODAS, incluída num contexto de educação antirracista, é fator fundamental na quebra de paradigmas históricos e sociais construídos e fundamentados pelo racismo e pelo sexismo. Dessa forma, deve-se considerar a educação como um dos caminhos que nos permite questionar e transformar os ARRANJOS SOCIAIS, de modo a criarmos uma sociedade mais justa, equânime e plural.

Assim, a EDUCAÇÃO é a ferramenta poderosa que nos capacita a redefinir as narrativas sobre PESSOAS NEGRAS, rompendo com os estereótipos racistas e abrindo caminhos para uma realidade mais justa e plural.

## 2.2 Sensação de Serem os Únicos Negros em Suas Turmas

Eu era o único homem negro naquela turma. **Marcelo**

A maioria das vezes, me sentia como o único negro no ambiente. **Henrique**

No R.U eu via pouquíssimos negros sentados. **Pedro**

Apesar de Pedro narrar a existência de uma mulher negra como professora referência em seu curso, demonstra dificuldade em apontar outras representações de outras pessoas negras, sejam elas DOCENTES e/ou INTELLECTUAIS, enquanto Henrique, além de se ver como o único negro no curso ainda explicita a dificuldade que enfrentou ao cursar pedagogia.

De acordo com o professor em questão, diariamente ele tinha que explicar a alguns colegas constantemente o porquê da política de cotas.

João ressalta que devido à falta de letramento racial, não conseguiu perceber RACISMO ou mesmo o RACISMO ESTRUTURAL<sup>16</sup> presente na universidade, ressaltando o quanto esse processo de conscientização lhe fez falta para perceber melhor o ambiente. Hoje, após dar início ao processo de letramento racial, ele garante perceber o quanto a universidade ainda é BRANCA, PATRIARCAL, ELITIZADA e COLONIAL.

A sensação de serem os ÚNICOS negros em suas turmas é uma experiência comum compartilhada por dois dos entrevistados e até mesmo por mim, que, “ao olhar ao redor da sala de aula, eu muitas vezes me via como o único homem negro naquele ambiente”.

O sentimento de sermos os ÚNICOS no ambiente acadêmico parece ser comum entre nós, NEGROS/AS. Grada Kilomba (2008, p. 34) afirma que, quando frequentava a universidade, lembrava-se de ser a única aluna negra no departamento de psicologia, por cinco anos e depois a única docente negra do departamento e uma das poucas em toda a instituição na qual lecionava. A autora, nascida em Portugal, mas de ascendência africana, relata que não pode “ignorar quão difícil é para nossos corpos escaparem às construções racistas sobre eles, dentro da academia”.

A estudiosa reitera que nos espaços acadêmicos nos negros “temos sido descritas/os, classificadas/os, desumanizadas/os, primitivizadas/os, brutalizadas/os, mortas/os”, esclarecendo que b

Assim, a análise dos relatos de Pedro, Henrique e João, ao focalizar a compreensão da entrada deles na universidade, revelou elementos compartilhados, apontando para experiências similares. Essas convergências destacam a importância das políticas públicas, sobretudo as cotas raciais, e evidenciam que a adaptação dos corpos negros no meio acadêmico é única em comparação com outros corpos. Nesse contexto, percebo a necessidade

---

<sup>16</sup> O racismo estrutural refere-se a um sistema ou estrutura que perpetua a desigualdade e a discriminação racial de forma sistêmica e institucionalizada. Diferentemente do racismo interpessoal, que se manifesta nas interações entre indivíduos, o racismo estrutural está enraizado em políticas, práticas e instituições que mantêm a supremacia branca e prejudicam grupos racialmente minoritários. Obras importantes sobre Eduardo Bonilla-Silva: Autor de “Racism without Racists”, Bonilla-Silva explora como o racismo se manifesta de maneira mais sutil e sistêmica na sociedade contemporânea. Michelle Alexander: Seu livro “The New Jim Crow” examina o sistema de justiça criminal nos Estados Unidos e como ele perpetua o racismo estrutural, principalmente contra pessoas negras. Audre Lorde: A escrita de Lorde, como “Sister Outsider”, aborda questões de racismo e interseccionalidade. Ibram X. Kendi: Autor de “How to Be an Antiracist”, Kendi explora como superar o racismo e adotar uma abordagem antirracista para a sociedade. bell hooks: Suas obras, como “Ain't I a Woman” e “Killing Rage”, examinam questões de raça, gênero e classe. Angela Davis: Uma das vozes mais proeminentes na luta contra o racismo e a prisão em massa, Davis escreveu obras como “Are Prisons Obsolete?” e “Women, Race, & Class”.

de análises mais profundas sobre como o desenvolvimento de perspectivas ao longo do tempo e a influência de experiências pessoais e profissionais moldam suas trajetórias universitárias. Contudo, é notável o quão estressante e desafiador se apresenta o ambiente acadêmico para homens negros.

Como professor e pesquisador negro, essa constatação reforça a urgência de ações afirmativas, como as cotas raciais, para garantir uma representação mais equitativa no meio acadêmico. A singularidade da experiência dos nossos corpos negros destaca a necessidade de abordagens específicas para lidar com os desafios enfrentados durante a formação universitária. Essa compreensão mais profunda impulsiona meu compromisso em contribuir para a construção de um ambiente acadêmico PLURAL, JUSTO e ANTIRRACISTA, onde a diversidade seja valorizada e onde pessoas NEGRAS não enfrentem obstáculos desproporcionais.

UM CORPO NEGRO na UNIVERSIDADE gera desconforto, pois na ACADEMIA a presença de NEGROS/AS é um sinal de “resistência” (Grada Kilomba, 2008, p.46) às normas racistas e coloniais instituídas. Grada Kilomba (2008, p. 39), ao utilizar a metáfora da rainha, descreve de maneira precisa o que os professores negros narram em suas experiências. Essa alegoria, conforme explica a psicóloga, destaca como as pessoas negras são percebidas no jogo de poder nesse ambiente. Essa análise reforça a necessidade de conscientização e transformação para superar as barreiras impostas pelo racismo estrutural no meio acadêmico.

A rainha é uma metáfora interessante. É uma metáfora do poder e também da ideia de que certos corpos pertencem a determinados lugares: uma rainha pertence naturalmente ao palácio “do conhecimento”, ao contrário da plebe, que não pode jamais alcançar uma posição de realeza. A plebe está encerrada em seus corpos subordinados. Tal hierarquia introduz uma dinâmica na qual a negritude significa não somente “inferioridade”, mas também “estar fora do lugar” enquanto a branquitude significa “estar no lugar” e, portanto, “superioridade”.

A autora continua denunciando o RACISMO e o SEXISMO PRESENTE na SOCIEDADE

No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia. Através de tais comentários, intelectuais negros/os são convidadas/os persistentemente a retornar a “seus lugares”, “fora” da academia, nas margens, onde seus corpos são vistos como “apropriados” e “em casa”. Tais comentários agressivos são performances frutíferas do poder, controle e intimidação que certamente logram sucesso em silenciar vozes oprimidas. (Grada KILOMBA, 2008, p.39)

Nesse sentido, é impressionante como a NORMA, RACISTA, SEXISTA, CLASSISTA E BRANCA insiste em colocar corpos negros à “margem” do conhecimento e de locais que, nessa lógica, não são para nós. No pensamento do RACISTA, os corpos negros são construídos como INADEQUADOS, fora de lugar e, por essa razão, desprovidos do DIREITO DE PERTENCER. Em contraste, os corpos brancos são retratados como adequados, “em casa”, sempre pertencentes, independentemente de onde estejam. Esses tratamentos VIOLENTOS são ESTRATÉGIAS muitas eficazes de PODER, CONTROLE E INTIMIDAÇÃO, no processo de SILENCIAMENTO e INVISIBILIZAÇÃO de NEGROS/AS.

Portanto, a percepção de sermos ÚNICOS/AS, DENUNCIA e ESCANCARA a falta de representatividade racial nas instituições de ensino superior e a necessidade premente de criar espaços mais justos e menos violentos. O espaço acadêmico, como observado por Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), não foi concebido com a inclusão de pessoas negras em mente. Tanto social quanto simbolicamente, os corpos são marcados e categorizados, e a academia frequentemente reservou seu lugar para corpos brancos. Isso, como consequência, reflete as desigualdades profundas que permeiam a sociedade, com estruturas que perpetuam preconceitos e exclusões.

Lélia Gonzalez (1982) discute a experiência do negro na sociedade brasileira, destacando como as questões de raça, gênero e classe se entrelaçam para criar múltiplas formas de opressão e discriminação que posteriormente revelasse em uma sociedade RACISTA, DESIGUAL E PRECÁRIA. Nilma Lino Gomes (2005) ressalta a complexidade do racismo no Brasil, que é frequentemente negado pela sociedade, mas persiste de maneira evidente em diversas esferas da vida cotidiana. A universidade, como uma instituição importante na sociedade, não escapa desse contexto. Apesar das negações sobre a existência de racismo, pesquisas demonstram que, na realidade, NEGROS/AS enfrentam discriminação e desigualdades profundas em relação a outros grupos étnico-raciais no país, tanto no ensino básico quanto no ensino superior. Essa contradição entre a negação do racismo e a evidência das desigualdades raciais destaca a necessidade urgente de enfrentar o preconceito racial e promover a igualdade na universidade. A instituição acadêmica desempenha um papel fundamental na transformação dessa realidade, RECONHECENDO e COMBATENDO O RACISMO SISTÊMICO que persiste em seu interior.

Nesse contexto, a importância das cotas raciais se torna evidente. A Lei nº 12.711/2012, que instituiu o sistema de cotas para negros e pardos em universidades

PÚBLICAS FEDERAIS NO BRASIL, desempenha um papel fundamental na mudança dessa dinâmica. O parágrafo 1º do Artigo 2º da lei, em particular, enfatiza a importância das cotas:

Os candidatos negros aprovados dentro do número de vagas oferecido no concurso público serão nomeados e empossados de acordo com a sua classificação no concurso e dentro do quantitativo de vagas previsto no edital. (Brasil, 2012).

Esse parágrafo não apenas estabelece a obrigatoriedade das cotas, mas também demonstra que elas são uma medida efetiva para garantir a inclusão de estudantes negros no ambiente acadêmico. Não se trata apenas de acesso, mas de proporcionar oportunidades reais para que homens negros se destaquem e contribuam para o CONHECIMENTO ACADÊMICO.

As COTAS RACIAIS são, portanto, um instrumento essencial para superar a exclusão histórica de homens negros do espaço acadêmico e promover a igualdade de oportunidades. Elas representam um COMPROMISSO sério com a DIVERSIDADE e a REPRESENTATIVIDADE, reconhecendo a importância das medidas afirmativas para combater o racismo sistêmico e construir um ambiente acadêmico mais justo e equitativo.

### 2.3 Sobre Questões Raciais e a Pressão para Defender as Cotas Raciais

Eu ouvia muitos argumentos contra as cotas, como “vamos melhorar a educação para todos” ou “quando o bolo crescer, distribuiremos para todos”. Esses argumentos me pareciam extremamente esdrúxulos. **Henrique**

Fazendo coro à fala de Henrique, Kabengele Munanga (2023) enfatiza que

Para você lutar contra o problema da sociedade, tem três caminhos clássicos: leis que funcionem, é um caminho; segundo caminho é a educação; terceiro caminho são políticas públicas de inclusão, sem políticas públicas de inclusão, fica só um discurso antirracista, mas o racismo continua. Tem que ter políticas. As cotas são políticas de inclusão. Hoje já temos o resultado das cotas nas universidades que as adotaram. Hoje já temos até professoras negras e negros, em algumas universidades, que passaram pelas cotas. Então, as cotas não são paliativas, como pensavam algumas pessoas quando esse debate nasceu. As cotas são políticas de inclusão social dos negros.

Assim, o autor destaca a importância das políticas de inclusão, particularmente das cotas raciais nas universidades, como uma resposta eficaz à luta contra o racismo sistêmico e a desigualdade racial. Munanga (2023) explicita que a promoção da igualdade racial envolve

vários elementos cruciais, incluindo leis eficazes, educação e políticas públicas de inclusão. Esses elementos estão intrinsecamente interligados, com a educação desempenhando um papel crucial nessa equação.

A educação é um dos pilares fundamentais para combater o racismo e criar um ambiente acadêmico mais diversificado e IRRESTRITO. Munanga (2023) destaca que as cotas raciais nas universidades têm se mostrado eficazes na criação de oportunidades para que pessoas negras acessem o ensino superior, o que é vital para combater o RACISMO SISTÊMICO que historicamente as excluiu. Além disso, como resultado dessas políticas de inclusão, já podemos ver a presença de professores negros em algumas universidades, o que demonstra o impacto positivo das cotas na diversificação do ambiente acadêmico.

Essa afirmação ressalta a importância de abordagens práticas, como as políticas de cotas raciais, para enfrentar o RACISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS, enfatizando que a educação desempenha um papel central na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. As palavras de Munanga ecoam a necessidade de ações concretas para criar um espaço acadêmico que seja verdadeiramente JUSTO e representativo de toda a diversidade racial de uma sociedade.

Vale salientar que Felipe e Marcelo compartilham suas experiências relacionadas à representatividade de pessoas negras em sua formação acadêmica. Eles mencionam que tiveram a oportunidade de ter professores negros que eram altamente respeitados e admirados em suas áreas de estudo, Educação Física e Pedagogia. Esses professores eram referências de excelência acadêmica e destacam-se por suas HABILIDADES pedagógicas. Felipe também enfatiza a importância desses professores em sua jornada acadêmica, ressaltando a didática de trabalho e a capacidade de lidar com os alunos, inclusive em situações difíceis.

Embora Felipe tenha tido a sorte de encontrar professores negros que serviram como modelos e referências, ele reconhece que a representatividade negra ainda é limitada e gostaria de ver mais profissionais negros em sua área. Sua experiência positiva com esses professores reforça a importância da representatividade na academia e como ter modelos a seguir pode influenciar positivamente a trajetória acadêmica de estudantes negros.



Neste capítulo, mergulhamos nas experiências dos professores iniciantes na academia, explorando as complexidades do racismo estrutural e as pressões enfrentadas no contexto universitário. Com foco na sensação de serem os únicos negros em suas turmas, as discussões sobre questões raciais e a pressão para defender as cotas raciais, nossos entrevistados compartilharam suas histórias de superação, resistência e determinação. Durante este capítulo, buscamos compreender os desafios e oportunidades que esses profissionais encontram para ingressar na Educação Infantil, reconhecendo o papel vital da representatividade negra no processo de formação acadêmica.

Ao concluir este capítulo, reflito de forma mais aprofundada, sobre as lições aprendidas e as motivações que revelam o quão nocivo e prejudicial é o racismo, tanto na academia quanto na sociedade como um todo. A presença de figuras como Pedro, Henrique, Marcelo, João, Grada Kilomba, Megg Rayara, entre outros, na academia ressalta a necessidade vital da presença de negros/as nesse espaço, reforçando o ato de desobediência às normas racistas, classistas, sexistas, coloniais e desumanas. Esse protagonismo abre caminho para outros indivíduos semelhantes a nós, promovendo uma mudança TRANSFORMADORA, uma “REVOLUÇÃO” (Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2023)

No próximo capítulo, avançaremos em nossa análise, explorando como essas experiências moldaram as expectativas e escolhas acadêmicas dos professores negros, especialmente no contexto da Educação Infantil.

### **CAPÍTULO 3 ACEITA QUE DÓI MENOS: UM HOMEM NEGRO EDUCANDO NOSSOS FILHOS**

A fase inicial do desenvolvimento infantil é uma jornada crucial e rica em descobertas, moldando os alicerces para o futuro das crianças. Durante os primeiros anos, os pequenos exploram o mundo ao seu redor, absorvendo conhecimento, habilidades sociais e emocionais que serão fundamentais ao longo de suas vidas. A Educação Infantil desempenha um papel vital nesse processo, proporcionando um ambiente estruturado e estimulante que catalisa o crescimento físico, cognitivo e socioemocional. Este período não apenas prepara as crianças para as próximas etapas educacionais, mas também contribui para a formação de indivíduos curiosos, flexíveis e socialmente competentes. Neste cenário, compreender a importância e nuances dessa fase inicial é essencial para garantir um desenvolvimento saudável e global das crianças.

Contudo, na educação infantil também reside a interseção complexa de fatores que influenciam diretamente o aprendizado e o crescimento das crianças ali matriculadas. Enquanto nos esforçamos para proporcionar um ambiente de educação equânime e justo, as sombras do racismo, do machismo, do capacitismo, da LGBTIfobia muitas vezes projetam sua influência insidiosa nas dinâmicas das relações que se desenrolam na sala de aula.

No terceiro e último capítulo, exploramos profundamente as intrincadas dinâmicas que permeiam o universo educacional, revelando como o racismo e o sexismo se manifestam de forma sutil, mas penetrante e, por vezes, violenta, nas relações envolvendo um homem negro professor na Educação Infantil. Este capítulo destaca a imperativa necessidade de confrontar os preconceitos enraizados e desafiar as normas sociais que perpetuam a **DESIGUALDADE** e a **VIOLÊNCIA** sobre **CORPOS NEGROS**.

Examinaremos, ao longo deste capítulo, as múltiplas camadas de interações que moldam a experiência do professor negro na Educação Infantil. Isso incluirá uma análise das relações entre o professor negro e a instituição educacional, o professor negro e o corpo docente pedagógico e a direção, bem como as interações entre o professor e as famílias e crianças que compõem a comunidade educacional. Em cada nível, identificaremos como os estereótipos e preconceitos implícitos que podem afetar a percepção, as oportunidades e os resultados para o educador negro e, por extensão, para as crianças que eles ensinam.

À medida que desvendamos essas complexas dinâmicas, nosso objetivo é contribuir para uma conscientização mais profunda, um diálogo aberto e, por fim, a implementação de

práticas que promovam a equidade, a justiça e a igualdade na Educação Infantil. Este capítulo serve como uma chamada à ação, não apenas para reconhecer as influências nocivas do racismo, mas também para transformar a educação das crianças, abraçando a diversidade e valorizando a contribuição essencial de educadores negros.

Vamos explorar essas dinâmicas profundamente arraigadas, com a esperança de que, ao “aceitar que dói menos”, possamos avançar em direção a um futuro mais justo e equânime na Educação Infantil.

### **3.1 DESAFIOS E AFETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VOZES DE PROFESSORES EM DIÁLOGO**

Na complexa trama da Educação Infantil, permeada por desafios constantes, os professores desempenham um papel vital na construção do alicerce das futuras gerações. Em uma análise crítica centrada em três professores pesquisadores negros, adentramos o universo de suas experiências compartilhadas e dos desafios singulares que enfrentam no contexto educacional.

O fio condutor que entrelaça suas narrativas é o vínculo emocional que desenvolvem com o trabalho e com as crianças, as relações meticulosamente construídas com os pequenos e as complexidades inerentes na interação com colegas e familiares. Saliento que a criação de vínculo com as crianças DENUNCIA a nocividade do RACISMO, sobreposta à ideia equivocada de que os HOMENS NEGROS não são capazes de cuidar e amar.

Ao compartilharem suas reflexões, esses profissionais também oferecem visões perspicazes sobre a qualidade da Educação Infantil. Este mergulho nas experiências desses professores proporciona uma análise crítica e aprofundada do cenário desafiador da Educação Infantil sob a perspectiva única de profissionais negros comprometidos com a construção de um ambiente educacional mais equitativo. Nesse sentido, os pontos comuns entre esses professores, apesar de suas diferentes origens e contextos, são significativos, pois ao “focar o sujeito que é narrado, dimensiona-se tal sujeito em um contexto mais amplo” (Marcio Caetano, 2016, p. 33).

Cada um desses PROFISSIONAIS compartilha um COMPROMISSO PROFUNDO com o bem-estar e desenvolvimento das crianças, uma dedicação que transcende as diferenças RACIAIS E DE GÊNERO. A expressão unânime de dedicação, respeito e afeto na construção de vínculos com as CRIANÇAS demonstra os afetos como recompensas centrais em suas carreiras.

Enfrentando desafios relacionados à identidade racial, seja na busca por reconhecimento profissional ou nas percepções dos familiares, esses profissionais sublinham a necessidade de uma sociedade mais JUSTA. As conversas com os professores apresentaram algumas questões e preocupações comuns:

**A. Identidade Racial e de gênero**

- Os três professores são homens cisgêneros negros.
- Dois mencionaram desafios relacionados à identidade racial, destacando como isso afetou sua percepção no ambiente de trabalho.

**B. Relação com a Equipe:**

- Todos os professores destacaram desafios na dinâmica da equipe.
- A importância da formação e competência profissional foi enfatizada por todos.
- Dois professores acreditam que ser negro e gay na educação infantil é menos ameaçador do que ser um homem negro heterossexual.

**C. Reconhecimento e Valorização:**

- A recompensa e reconhecimento de suas contribuições variaram.
- Eles compartilharam a sensação de que suas realizações não eram frequentemente reconhecidas pela equipe e pela direção da escola.

**D. Necessidade de Conscientização:**

- Os professores destacaram a necessidade de conscientização e educação para combater o preconceito racial.
- Eles enfatizaram que o convívio e o entendimento mútuo podem desempenhar um papel crucial na desconstrução de estereótipos.

**E. Relação com as Famílias:**

- Desafios de gênero: Os relatos dos professores sugerem que o gênero dos educadores pode influenciar a forma como são percebidos pelas famílias.
- O problema de gênero também é ressaltado, principalmente no caso de Henrique, que acredita que seu gênero e raça contribuíram para dificuldades nas interações com as famílias.
- Desconstrução de Estereótipos

**F. Relação com as Crianças:**

- Todos destacaram o carinho e afeto que recebem das crianças.

- Eles ressaltaram a importância de construir relacionamentos afetuosos e de confiança com seus alunos.
- A satisfação profissional é fortemente influenciada pela conexão que têm com as crianças.

Esses pontos de convergência refletem as complexidades e desafios da Educação Infantil, assim como as dinâmicas pessoais e sociais que impactam o trabalho nesse campo. Embora cada entrevistado apresente uma perspectiva única, há temas comuns que permeiam suas experiências e preocupações.

### **A. Identidade Racial e sexualidade**

Durante as entrevistas com Henrique e Pedro, um tema recorrente foi a importância do letramento racial e o reconhecimento de suas identidades negras. Ambos expressaram uma consciência precoce de sua negritude, mas suas experiências de pertencimento e aceitação variaram significativamente. Para Henrique e Pedro, que cresceram em uma FAMÍLIA GRANDE E MANTÊM FORTES LAÇOS CULTURAIS COM A IDENTIDADE NEGRA, o senso de PERTENCIMENTO é uma parte INTRÍNSECA de suas vidas desde tenra idade.

Contrastando com isso, João compartilhou que sua trajetória de AUTODESCOBERTA RACIAL começou TARDIAMENTE, especialmente a partir de 2020, quando passou a perceber as nuances do RACISMO ESTRUTURAL e a falta de abordagem sobre questões raciais em ambientes predominantemente brancos, mesmo após ingressar na universidade por meio de cotas raciais. Isso ressalta as deficiências nos CURRÍCULOS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS que negligenciam a educação racialmente consciente, mesmo em contextos destinados à ruptura com paradigmas históricos sociais de modo a PROMOVER A DIVERSIDADE.

Essas diferenças nas trajetórias de CONSCIÊNCIA RACIAL sublinham a influência dos CONTEXTOS FAMILIARES, SOCIAIS e EXPERIÊNCIAS pessoais na formação da IDENTIDADE NEGRA e no desenvolvimento do letramento racial. Isso ressalta como a aceitação e o reconhecimento da identidade racial podem variar amplamente entre indivíduos, independentemente de sua origem racial.

A compreensão das trajetórias individuais, como enfatizado por Marcio Caetano (2016), é essencial para desvelar dimensões mais amplas que permeiam fenômenos sociais, como o racismo e sexismo.

Nesse sentido, Lélia Gonzalez (1988) estabelece uma comparação entre a noção de “tornar-se mulher”, de Simone de Beauvoir, e o processo de “TORNAR-SE NEGRA”. Essa comparação ressalta a ideia de que a NEGRITUDE<sup>17</sup> não é uma característica inata, mas sim uma identidade que é conquistada e construída ao longo da vida, semelhante ao processo de construção da feminilidade. Essa comparação evidencia a diversidade de pensamentos e perspectivas dentro do movimento feminista, especialmente quando se considera a INTERSECCIONALIDADE DAS IDENTIDADES e a complexidade das experiências individuais, incluindo a dimensão racial. Isso destaca a importância de reconhecer e respeitar a multiplicidade de vivências e lutas das mulheres, considerando não apenas o gênero, mas também fatores como raça, classe e orientação sexual.

Dessa forma, observou-se que a identidade racial exerce uma influência significativa sobre vários outros critérios e aspectos da vida de um indivíduo. Novamente estabeleço uma relação com o conceito de “(auto)biografia” (Marcio Caetano, 2016) para pensar como ela molda as experiências, perspectivas e interações de alguém, afetando a maneira como a pessoa é percebida e como se percebe no mundo. Questões de raça frequentemente desempenham um papel central na forma como as pessoas são tratadas em áreas como EMPREGO, EDUCAÇÃO, JUSTIÇA CRIMINAL E SAÚDE.

Além disso, a identidade racial, atrelada à sexualidade, pode influenciar as redes sociais e a comunidade a que alguém pertence, assim como a AUTOESTIMA e o SENSO DE PERTENCIMENTO. Portanto, a identidade racial e sexual é uma parte fundamental da identidade de uma pessoa que intersecta vários outros critérios e aspectos da vida cotidiana. Compreender essa INTERSEÇÃO é essencial para abordar questões de DESIGUALDADE e DISCRIMINAÇÃO RACIAL.

Frantz Fanon (2008, p. 93) declarou, de forma contundente, que “sou escravo não da ideia do que os outros têm de mim, mas da minha própria aparência, sou fixado por ela”. Nessa reflexão perspicaz, Fanon RESSALTA que o corpo, especialmente o CORPO NEGRO, é CONSTANTEMENTE SUBMETIDO à leitura e interpretação DOS OUTROS por meio do olhar. Esse corpo não pode ser desvinculado de sua carga histórica e das representações que o diferenciam do corpo branco, atribuindo-lhe um estatuto socialmente subalterno (Hall, 2013).

---

<sup>17</sup> A negritude enfatiza o orgulho racial e é uma resposta ao racismo e à opressão histórica enfrentados pelas pessoas negras em todo o mundo. Ela promove a celebração da herança cultural africana, incluindo tradições, línguas, religiões, música, dança e outras expressões culturais, além de promover a resistência ao racismo e à discriminação. O movimento da negritude foi um componente importante das lutas por direitos civis e igualdade racial em muitos países, e influenciou a literatura, a arte, a música e o ativismo. Autores e pensadores como Frantz Fanon, Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor foram figuras proeminentes no desenvolvimento do conceito de negritude.

Essa observação enfatiza a complexidade da identidade racial e como as percepções externas podem moldar as experiências e as noções de pertencimento de indivíduos racialmente minoritários. Kabengele Munanga (2023) orienta que

As pessoas têm que assumir seus corpos, assumir sua identidade, assumir seu corpo negro, os homossexuais se assumirem... Daí que vem o conceito de negritude, aceitar seu corpo, amar seu corpo, se olhar no espelho e dizer eu também sou bonito, eu também sou inteligente, como também pode dizer que olha, aquele negro é feio, como pode dizer que aquele branco é feio. Então, a negritude é o fato de se assumir como negro. Não, simplesmente, pela cor da pele, mas com a consciência do que os negros sofreram na história da humanidade. Sofreram durante a escravidão, a colonização, depois da abolição da escravatura continuam a sofrer e a serem vítimas por causa da cor da pele. Você não luta contra o racismo sem se assumir. Daí a ideia da negritude que na verdade é uma identidade. Assumir essa identidade que começa pelo corpo, antes de atingir espiritualmente a inteligência.

### **B. Relação com a Equipe:**

Ao entrevistar Pedro, Henrique e João, tornou-se claro que suas interações com colegas, especialmente com as professoras, frequentemente envolviam desafios significativos. Tanto Pedro quanto João enfrentaram obstáculos na esfera relacional, principalmente com questões pedagógicas, notadamente quanto ao afastamento da criança do cerne das abordagens educacionais. Ambos destacaram a importância de centralizar a criança no planejamento, defendendo que todas as atividades, espaços e considerações pedagógicas deveriam ser moldadas a partir da perspectiva da criança. Para Pedro e João, a falta dessa abordagem centrada na criança tornou-se uma fonte de conflito em suas relações com a equipe docente.

Por outro lado, Henrique trouxe à tona as complexidades relacionadas à sua identidade racial. Ele percebeu que, em várias ocasiões, era obrigado a provar sua competência intelectual à equipe, especialmente por trabalhar em parceria com uma colega professora. Nas reuniões de planejamento e discussões sobre a turma que compartilhavam, Henrique sentia que suas ideias eram frequentemente desvalorizadas, um desafio que atribuía tanto à sua identidade racial quanto ao seu gênero. Ele destacou que ser um homem negro parecia tornar suas ideias menos aceitáveis e que frequentemente era submetido a um processo de conferência adicional em suas contribuições.

Nesse sentido, bell hooks (2015, p. 667) salienta que

Mais do qualquer outro grupo de homens em nossa sociedade, os homens negros são muitas vezes concebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais. Sob a visão estereotipada do racismo e do sexismo que os veem como mais corpo do que

mente, homens negros estão propensos a serem recebidos pela sociedade da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal, como sujeitos que parecem ser idiotas ou, como nós que crescemos nos anos 1950 costumávamos dizer, pessoas lentas (isto é, pouco inteligentes). Na infância, era óbvio para todos em nosso bairro negro que, quando um homem negro pensava demais, ele passaria a ser visto como uma ameaça pelo mundo racista. Não havia correlação entre a habilidade de uma pessoa para pensar, para processar ideias e nível de escolaridade. Homens negros bem-educados tinham aprendido a atuar como incultos, iletrados e ignorantes em um mundo onde um negro inteligente corria o risco de ser punido.

É, portanto, importante nos atentarmos para o fato de que os ESTEREÓTIPOS RACIAIS são PREJUDICIAIS e têm impacto na percepção dos homens negros, forçando-os a esconder suas verdadeiras habilidades intelectuais e adaptar seu comportamento para se encaixar em um contexto que frequentemente os SUBESTIMA. A análise das ideias de bell hooks (2015) destaca a intrincada interseção de ESTEREÓTIPOS relacionados aos homens negros, considerando o impacto do racismo e supremacia branca na formação dessas percepções. Essa complexa teia de influências destaca como as identidades raciais e as DINÂMICAS DE PODER se entrelaçam nas relações interpessoais no ambiente educacional. É essencial compreender que esses estereótipos são moldados por uma variedade de fatores e que as experiências individuais variam significativamente com base em PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS e na identidade única de cada indivíduo. Reconhecer essa complexidade é um passo fundamental para abordar PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES RACIAIS de maneira mais eficaz, buscando promover a igualdade e a justiça em todo o sistema educacional e na sociedade em geral.

A observação feita por Henrique e João sobre a possível maior aceitação de um professor negro e homossexual na educação infantil encontra eco na explicação de Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017). A pesquisadora aborda a ideia de que o AFEMINAMENTO DE HOMENS NEGROS pode ser uma estratégia para desafiar a imagem convencional de virilidade, reivindicando a expressão de diferentes modelos de MASCULINIDADE.

No entanto, essa expressão pode trazer complexidades, como a possível marginalização em áreas periféricas da cidade. Para Megg Rayara Gomes de Oliveira, a adesão a estereótipos de moda e comportamento, associada a certo poder econômico, pode conferir uma sensação de respeito e afastamento desses lugares marginalizados. Essa conexão ressalta a complexidade da aceitação com base em identidade racial e de gênero, destacando como as percepções são moldadas por estereótipos e normas sociais.

Assim, é possível afirmar que, da mesma forma, na Educação Infantil, a identidade racial e de gênero de um professor pode influenciar sua aceitação, mas também apresenta



desafios e complexidades relacionados a normas e estereótipos. Essa reflexão demonstra a necessidade de considerar as múltiplas camadas de identidade ao abordar questões de aceitação e pluralidade.

### **C. Reconhecimento e Valorização:**

No âmbito educacional, o reconhecimento e a valorização dos profissionais desempenham um papel crucial na motivação e no engajamento, impactando diretamente na qualidade do ensino. Durante a análise das narrativas dos professores, notou-se que emergiu um tema recorrente que merece nossa atenção: a percepção de que suas contribuições e realizações muitas vezes não eram devidamente reconhecidas. Essa questão se manifestou tanto em relação à equipe docente quanto à direção da escola.

Neste contexto, é fundamental explorar a importância do RECONHECIMENTO na valorização do trabalho dos professores e entender como a falta desse reconhecimento pode afetar seu desempenho e satisfação profissional. Esta análise busca REFLETIR sobre a relevância do tema do reconhecimento no CAMPO DA EDUCAÇÃO, abrindo caminho para uma análise mais profunda das experiências dos professores entrevistados.

As indagações dos professores apontam para uma questão complexa e pertinente: o que motiva a falta de reconhecimento do trabalho dos professores entrevistados? Essa situação paradoxal, na qual, por exemplo, uma atividade fotografada e compartilhada nas redes sociais do CMEI resulta elogios direcionados à companheira do professor Henrique, uma mulher branca, em vez de reconhecer o trabalho de Henrique, suscita uma reflexão sobre as dinâmicas subjacentes.

Uma hipótese plausível é que RAÍZES RACISTAS estejam desempenhando um papel nesse COMPORTAMENTO. Isso é evidenciado pelo fato de que o elogio se concentra em sua companheira, ignorando seu próprio mérito, apesar de ambos compartilharem a responsabilidade pelo planejamento e execução da atividade. Essa situação ressalta a COMPLEXIDADE DAS RELAÇÕES RACIAIS no ambiente de trabalho e a necessidade de uma análise mais profunda das percepções, PRECONCEITOS e DINÂMICAS que moldam o reconhecimento no contexto educacional. A compreensão dessas questões é crucial para promover ambientes de trabalho mais íntegros, ANTIRRACISTAS E NÃO VIOLENTOS.

Nesse sentido, Ana Luisa Alves Cordeiro e Douglas Gois (2021) enfatizam a importância de mudar o discurso, as posturas e os gestos em relação aos meninos negros no ambiente educacional.

A autora e o autor destacam que as imagens raciais desvalorizadoras e os discursos discriminatórios afetam profundamente como esses meninos vivenciam o ambiente educacional. Verificamos a mesma lógica no contexto desta pesquisa, pois o silenciamento entorno das atividades planejadas e realizadas por professores negros, além de denunciar **COMPORTAMENTOS RACISTAS, VIOLENTOS E DISCRIMINÁTORIOS**, fala muito sobre o que esses corpos **SUPORTAM** neste espaço educacional, considerando que o ambiente escolar deve ser o lugar onde o olhar para o negro seja, sob a perspectiva pedagógica, o de romper com as amarras e **NUANCES DO RACISMO**.

Assim, salientamos a complexidade das relações raciais no contexto educacional e a necessidade **URGENTE e DIÁRIA** de uma análise mais profunda e de ações concretas para promover um ambiente de trabalho e aprendizado mais **EQUÂNIME, ACOLHEDOR, ANTIRRACISTA E SEGURO**.

#### **D. Necessidade de Conscientização**

A necessidade de conscientização apontada pelos professores entrevistados, emerge como um aspecto crucial na promoção da igualdade racial e de gênero na educação infantil. Os relatos dos professores enfatizam a importância da **FORMAÇÃO**, da **DENUNICA** e do **DIÁLOGO** como **FERRAMENTAS** no combate ao **PRECONCEITO RACIAL**, à **HOMOFOBIA**, ao **MACHISMO** e às **VISÕES ESTEREOTIPADAS** em relação à masculinidade negra.

Os três homens negros destacam que o convívio, a denúncia e o enfrentamento realizado por pessoas negras e aliados desempenham um papel fundamental na **DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**, no cultivo de relações baseada no **RESPEITO** e **VALORIZAÇÃO** de pessoas negras. Acreditam que tais ações produzem pessoas e pensamentos conscientes de que o preconceito racial pode persistir quando não confrontado. Esses educadores enfatizam a necessidade de iniciativas educacionais que promovam a reflexão e o engajamento das comunidades escolares na compreensão e **RESPEITO À DIVERSIDADE RACIAL**.

No mesmo contexto, o Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288, de 20 de julho de 2010, estabelece diversas diretrizes fundamentais para a promoção da igualdade racial no Brasil e a eliminação da discriminação racial. Alguns dos principais aspectos contemplados pelo Estatuto da Igualdade Racial englobam:

**Definição de Discriminação Racial:** O estatuto oferece uma definição abrangente de discriminação racial, proibindo qualquer tipo de distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor, descendência ou origem étnica que tenha por objetivo ou resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais.

**Igualdade de Oportunidades:** A legislação busca promover a igualdade de oportunidades em diversas áreas, tais como educação, emprego, saúde, cultura, esporte e lazer, independentemente da raça ou origem.

**Promoção da Cultura e Identidade Afro-Brasileira:** O Estatuto da Igualdade Racial reconhece a importância de valorizar a cultura e a identidade afro-brasileira, destacando a contribuição significativa dos afrodescendentes à sociedade brasileira.

**Combate ao Racismo:** A lei fortalece as medidas para combater o racismo e a discriminação racial, impondo sanções mais rigorosas para atos racistas.

**Cotas Raciais:** O estatuto também aborda a implementação de políticas de ação afirmativa, como as cotas raciais em universidades e concursos públicos, com o objetivo de promover a igualdade de oportunidades para afrodescendentes.

**Políticas Públicas e Planejamento:** O estatuto prevê o desenvolvimento de políticas públicas que visam à promoção da igualdade racial, exigindo o planejamento de ações específicas para combater o racismo e suas consequências.

Considerando o CONTEXTO ESPECÍFICO relatado pelos professores, é fundamental implementar estratégias concretas que VALORIZEM, RECONHEÇAM E RESPEITEM o trabalho de homens negros na Educação Infantil. A criação de formações especializadas, comissões municipais dedicadas à VALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE, realização de SEMINÁRIOS, MOSTRAS e a PROMOÇÃO DE TROCA DE EXPERIÊNCIAS entre os professores da educação infantil são medidas essenciais para reconhecer e destacar o relevante trabalho pedagógico e educacional desses profissionais. Além disso, disponibilizar ESPAÇOS SEGUROS PARA DENÚNCIAS e relatos de situações de racismo é fundamental para enfrentar as adversidades que ainda permeiam o ambiente

educacional. Essas ações não apenas promovem a valorização do trabalho dos indivíduos negros, mas também contribuem para COMBATER O RACISMO SISTÊMICO que persiste na educação infantil, criando um ambiente mais profissional, justo, equânime, respeitoso e habitável.

### **E. Relação com as Família das crianças**

A relação com as famílias, conforme narrado pelos professores, se destaca como um dos maiores desafios na educação infantil. Agora, exploraremos os desafios de gênero que surgiram a partir de suas experiências. Os relatos sugerem que o gênero dos educadores desempenha um papel significativo na forma como são percebidos e nas interações com as famílias.

Neste subtema também ressaltamos a INTERSEÇÃO DO PROBLEMA DE GÊNERO NO CONTEXTO RACIAL, especialmente no caso de Henrique, que percebe que sua identidade de gênero, aliada à sua raça, contribuiu para desafios adicionais nas relações com as famílias. Investigaremos como essas dinâmicas de gênero afetam a relação entre os profissionais da educação infantil e as famílias, buscando compreender como a desconstrução de estereótipos pode contribuir para uma interação mais saudável e equitativa.

Aconteceu uma vez um caso de uma família dizer que a menina tinha falado que eu tinha trocado ela naquela semana, mas naquela semana a gente não teve aula com ela, impossibilitando a hipótese de eu ter trocado ela e tal. E aí aconteceu todo aquele mal-estar e tal, porque a família meio que estava julgando, por que é que o professor está fazendo a troca? Por que ele está trocando minha filha tendo um monte de professora mulher? Por que logo o professor homem está fazendo a troca E isso me fez pensar um pouco em como agir nessas situações. **Pedro**

Teve uma vez na minha turma em que o pai queria tirar a filha, porque achou estranho eu cuidar dela por ser um homem negro. Ele comentou com a direção, mas não falou diretamente, só deu a entender que não queria isso. Conversamos com a esposa e ficou explícito que ele não estava confortável com a situação, mesmo que ele mesmo não cuidasse muito da filha. Ele queria uma mudança. **Henrique**

Ao narrarem suas experiências envolvendo os cuidados de higiene básica com as crianças, os professores identificaram um padrão preocupante: os pais demonstravam INSEGURANÇA, DESCONFORTO OU ATÉ SE OPUNHAM A ESSE TIPO DE AÇÃO.

Henrique observou, em particular, que um pai expressou seu descontentamento com a presença de Henrique na turma do Infantil II, devido à relutância do pai em aceitar que um professor negro tivesse que trocar a filha e realizar a higiene íntima da criança. Por outro lado,

Pedro compartilhou uma situação semelhante na qual a mãe de uma menina não se sentiu INSEGURA ao permitir que ele fizesse a troca e a higiene da criança. Essas situações revelam a existência de um racismo velado, ilustrando a desumanização do CORPO DO HOMEM NEGRO e a persistente NOÇÃO PRECONCEITUOSA de que um homem negro pode ser visto como um possível abusador, visto que este discurso está imerso a percepções e valores culturais racistas.

A experiência vivenciada pelos dois professores, ainda que espaços e períodos distintos, revela como suas histórias estão conectadas já que os caminhos que percorrem, mesmo que num PLANO SIMBÓLICO, interseccionam-se com os de outros. Experiências individuais tornam-se coletivas quando encontram eco na experiência de outras (Megg Rayara Gomes de Oliveira, 2017, p. 112).

Pensando nas experiências desses docentes, recorro a Michel Foucault (1996) que ressalta a natureza construída culturalmente dos discursos e como eles não são meras cópias exatas da realidade, mas representações moldadas pelas percepções e valores culturais. Nesse contexto, os discursos que cercam estereótipos raciais desempenham um papel significativo na sua perpetuação.

À medida que esses discursos são REFORÇADOS e LEGITIMADOS pela SOCIEDADE, eles contribuem para a construção e manutenção de estereótipos raciais, influenciando a forma como as pessoas percebem e interagem com indivíduos de diferentes grupos étnicos. Essa dinâmica destaca a importância da conscientização e da mudança nos discursos para combater estereótipos e preconceitos raciais profundamente enraizados na sociedade.

Os discursos de ESTEREOTIPAÇÃO que circundam a vida dos homens negros desempenham um papel significativo na construção de uma realidade distorcida. Desde o período colonial, ideias preconceituosas relacionadas ao tamanho dos ÓRGÃOS GENITAIS e à PERFORMANCE SEXUAL tornaram-se parte integrante do imaginário brasileiro, retratando os homens negros como sujeitos objetificados e animalizados.

Essas narrativas, profundamente enraizadas em uma SOCIEDADE RACISTA, CAPITALISTA E MACHISTA, na qual a humanidade é frequentemente reduzida a objeto de consumo, relegam os jovens e homens negros à função de servir às expectativas alheias, utilizando seus corpos para a satisfação de outros. O impacto dessas construções de estereótipos vai além, afetando diretamente a autoestima e as relações interpessoais desses homens. É essencial reconhecer que a relação entre os CORPOS DOS HOMENS NEGROS e suas vidas é profundamente influenciada pelo fenômeno da objetificação, que envolve a

categorização em "CORPO OBJETO", "CORPO HIPERSEXUALIZADO" E "CORPO ABJETIFICADO".

Essas objetificações criam condições prejudiciais para a vida dos homens negros, uma vez que os segregam entre aqueles que atendem aos padrões e expectativas impostos pela sociedade e aqueles que são EXCLUÍDOS por não se enquadrarem nesses moldes estabelecidos. Como resultado, esses homens são frequentemente MARGINALIZADOS nas INTERAÇÕES SOCIAIS, uma vez que seus corpos são percebidos como fora dos padrões convencionais de beleza. Além disso, essas práticas reforçam a noção errônea de que os HOMENS NEGROS podem ser potenciais AGRESSORES ou PREDADORES, perpetuando uma visão RACISTA, DISTORCIDA e NOCIVA sobre a MASCULINIDADE NEGRA. Essa associação DESCABIDA com a ideia de serem "BESTAS FERAS", prontas para atacar os indefesos é profundamente PROBLEMÁTICA, VIOLENTA e INJUSTA.

Nesse sentido, a EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA emerge como ferramenta essencial na DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS RACISTAS que afetam os HOMENS NEGROS. A mudança nos discursos e nas percepções culturais é fundamental para promover uma sociedade mais JUSTA, PLURAL e NÃO VIOLENTA, na qual todos os indivíduos sejam valorizados independentemente de sua raça e gênero. A reflexão sobre essas questões deve SER INCENTIVADA, pois a PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL é dever de TODOS E TODAS.

Os professores que compartilharam suas experiências enfrentando esses estereótipos racistas e desafios evidenciam seu posicionamento de resistência e determinação diante das barreiras. O trabalho que desempenham na Educação Infantil é de grande importância, e sua dedicação em proporcionar um ambiente educacional saudável e digno para as crianças merecem RECONHECIMENTO e RESPEITO.

A desconstrução de ESTEREÓTIPOS RACISTAS e PRECONCEITOS RACIAIS é um PROCESSO CONTÍNUO que exige ESFORÇO COLETIVO, e esses professores são exemplos inspiradores de como a educação e o COMBATE ao RACISMO, ao SEXISMO e à HOMOFOBIA, de modo a romper com paradigmas significativos na sociedade. Seus relatos destacam a necessidade de continuar promovendo um diálogo RESPEITOSO, ATENTO e PLURAL sobre questões RACIAIS E DE GÊNERO, a fim de CONSTRUIR um ambiente mais IGUALITÁRIO e RESPEITOSO para todas e todos.

Na contrapartida das complexidades nas relações com as famílias e os desafios de gênero que os professores enfrentam, emerge um aspecto fundamental e reconfortante: a relação entre os educadores e as crianças.

## F. Relação com as crianças

As recompensas vêm na forma de carinho demonstrado pelas crianças. Com o tempo, elas não apenas aceitam, mas também compreendem que estamos ali para ajudar e cuidar delas. As crianças nos recebem calorosamente, muitas vezes mencionando nossos nomes e convidando-nos para compartilhar refeições com elas. Essa recepção é um sinal claro de apreço e respeito. As crianças demonstram um profundo envolvimento durante as atividades, mostrando interesse em aprender, sentar perto de você, e até mesmo pedindo para cantar músicas ou ajudá-las a dormir. Essa interação e carinho por parte das crianças são as recompensas mais significativas para mim na educação infantil. No que diz respeito à educação em geral, muitas vezes, a parte mais desafiadora está em lidar com as burocracias e demandas dos adultos, e não das crianças. **Pedro**

Olha, as crianças estão aqui. O que me deixava feliz da educação infantil é quando eu conseguia atingir as crianças, quando as crianças se desenvolviam, quando as crianças tinham uma coisa que eu fazia que era uma avaliação. Que eu mandava pra família no final de semestre perguntando o que que a criança, se a criança comentou alguma coisa que mais gostou de fazer? Se eles perceberam alguma coisa. **João**

Ah, não!!!! A recompensa principal vem inteiramente delas, né? Vem delas porque o afeto é o carinho, é a importância que elas dão para a gente. É o, sei lá, elas nos enchem o dia inteiro, com muito atenção e com muito amor e. Que reconhecimento é, cara! Sei lá, quando a criança vem correndo do nada, você está ali e nem sabe que ela está lá, ela vem, te abraça e pula no pescoço. Ah, não há moeda que pague por isso! Não é? Sei lá, é uma troca de afetos que é muito, sei lá, é muito profunda, é uma coisa, não dá para explicá-la. **Henrique**

No âmbito das narrativas e vivências compartilhadas, identificamos um elemento interessante que permeia as experiências desses profissionais da educação infantil. Todos eles ressaltaram com entusiasmo o AFETO, o CALOR HUMANO e o CARINHO que recebem das crianças. Em meio aos desafios que permeiam esse ambiente, esses educadores destacaram a importância crucial de estabelecer relações afetuosas e de confiança com seus alunos. A satisfação profissional que experimentam está intrinsecamente ligada à CONEXÃO ÚNICA que desenvolvem com as crianças em suas salas de aula.

Nesse contexto, a presença constante de AFETO, RESPEITO, CUIDADO E COMPREENSÃO entre educadores e crianças cria um contraponto poderoso para as complexidades e adversidades enfrentadas no cenário educacional. Essa relação profunda é um registro da resistência e dedicação desses PROFISSIONAIS NEGROS, que persistem em nutrir um ambiente de aprendizado SEGURO, ACOLHEDOR, AFETUOSO e PLURAL para as gerações futuras. Essa dinâmica ilustra a capacidade desses professores/educadores, HOMENS NEGROS, em superar LUTAR, RESISTIR, FRACASSAR e OPORTUNIZAR



uma EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA que vai além das INJUSTISAS e VIOLENCIAS, contribuindo para o desenvolvimento pleno das crianças sob sua ORIENTAÇÃO.

Ouvir esses homens compartilharem que a recompensa mais significativa em seu trabalho é a experiência AFETUOSA e RESPEITOSA com as crianças é, de fato, paradoxal. Esse paradoxo se manifesta quando esses profissionais, ao estabelecerem relações com as famílias, encontram RESISTÊNCIA, CONSTRANGIMENTO E VIOLÊNCIA devido à construção social RACISTA do que pode ser um HOMEM NEGRO. Nessa análise, percebemos uma dicotomia entre a ACEITAÇÃO, O AFETO E O RESPEITO das crianças e o RACISMO imposto pela sociedade às FIGURAS MASCULINAS NEGRAS.

É emblemático notar que, enquanto as famílias muitas vezes impõem desafios, às crianças, ainda não carregadas com os ESTIGMAS SOCIAIS RACISTAS, oferecem AFETO GENUÍNO. Essas crianças se tornam uma fonte de recompensa, contrapondo-se ao ÓDIO, a INJUSTIÇAS e aos ESTEREÓTIPOS RACISTAS e VIOLENTOS, tornando-se, assim, um ANTÍDOTO VALIOSO. Esse contraste ilustra de maneira impactante a complexidade das experiências desses educadores, homens negros, no ambiente educacional e social, evidenciando a necessidade urgente de desconstrução desses estigmas RACISTAS, SEXISTAS e HOMOFÓBICOS para criar ambientes mais SEGUROS, JUSTOS e EQUITATIVOS.

A presença de HOMENS NEGROS NA EDUCAÇÃO INFANTIL é REVOLUCINARIA, é um contraponto de CORAGEM, RESISTENTE à maré de racismo, sexismo e colonialismo que imperam a sociedade brasileira.



## ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

*REsistir  
para (RE) EXISTIR  
Megg Rayara Gomes de Oliveira*

Iniciei esta dissertação lembrando da minha infância, usando a memória para acessar os meus “sentidos, os sentimentos e a sensibilidade” (Fabiola Gaspar das Dores, 1999, p. 113). Isso porque as memórias me permitem acessar minhas infância e adolescência, etapas cruciais na constituição do homem negro que sou.

Ao acessar minhas memórias retomo as lembranças e a trajetória mediante as escolhas que permitiram eu FRACASSAR e chegar até aqui. O conceito de fracassar adotado por Lina Pereira dos Santos (2022) consiste na frustração das pessoas brancas cisgêneras heterossexuais, valores esses embasadas em uma lógica RACISTA e LGBTFÓBICA se apresenta de modo fundamental para entendermos como ocorre as relações dos professores negros na educação infantil. Pois o FRACASSAR desses corpos personifica o MAIOR FRACASSO de nossas VIDAS.

Assim, é possível afirmar que, diante das narrativas aqui apresentadas, o FRACASSAR vai além das frustrações daquelas pessoas que se colocam como modelo universal de humanidade por meio de suas crenças, valores e preconceitos. Nossos corpos negros são e estão “na contramão das normatividades vigentes da lógica binária sucesso-fracasso” (Bruna Allegretti, 2020, p. 257).

Assim, nós, HOMENS NEGROS PROFESSORES na EDUCAÇÃO INFANTIL, cis ou trans, hétero ou homossexuais, SOMOS FRACASSADOS!

O FRACASSO na dissertação vem contrapor ao RACISMO, que insiste em dizer que nós negros e negras não somos inteligentes o suficiente e nem moralmente capazes de alcançar o sucesso, restando a nós somente o fracasso. E nós preferimos o FRACASSO uma vez que o sucesso é regido por princípios racistas, machistas e cisheteronormativos” (Bruna Allegretti, 2020, p.257- 260).

O problema desta pesquisa consistiu em discutir o(s) processos de ingresso e permanência de pessoas negras do gênero masculino na educação infantil, considerando os impactos do racismo e sexismo nas relações que se estabelecem nesse espaço.

Reconheço que a interseccionalidade tem um importante papel neste estudo, pois reconhecemos a relevância de considerar a interligação entre gênero, raça e classe como fatores cruciais que influenciam as experiências e perspectivas destes educadores.

O RACISMO que opera para HIPERSEXUALIZAR, ESSENCIALIZAR, BESTIFICAR, DESUMANIZAR homens negros, sejam HETERO OU HOMOSSEXUAIS, foi tratado nesta pesquisa como elemento influenciador e determinante na inserção e permanência de professores negros na educação infantil.

Reconheço que a INTERSECCIONALIDADE tem um importante papel neste estudo, especialmente quando o RACISMO se SOMA ao SEXISMO e à HOMOFOBIA, pois reconhecemos a relevância de considerar a interligação entre raça e sexualidade como fatores cruciais que influenciam as experiências e perspectivas destes educadores. A análise das interações aqui narradas e as interações entre as dimensões de MASCULINIDADE e raça é essencial para uma compreensão das experiências e desafios enfrentados por esses docentes.

Identifiquei a escassez, quase ausência, de estudos acadêmicos que explorem as dinâmicas étnico-raciais, identidade, gênero e sexualidade no contexto da docência na educação infantil, especialmente sobre a presença de homens negros.

Optei pela metodologia autobiográfica para esta pesquisa, conforme sugerido por Marcio Caetano (2016), devido à sua capacidade de explorar os intrincados processos de construção e reconstrução de narrativas sociais. Além disso, essa abordagem proporcionou um diálogo enriquecedor com minha própria trajetória de vida como homem negro, bissexual, professor na educação infantil e pesquisador.

As AUTOBIOGRAFIAS desempenharam um papel essencial na nossa capacidade de dialogar com os professores, por meio do qual pudemos:

- Analisar a experiência de educação básica e o percurso educacional anterior desses homens antes de ingressarem na graduação.
- Investigar os desafios e oportunidades enfrentados por esses professores negros ao longo de sua formação para atuarem na Educação Infantil.
- Compreender o impacto da presença e identidade racial desses homens negros na dinâmica da equipe e no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

No primeiro capítulo, intitulado **(RE)CONSTRUINDO IDENTIDADES: A EDUCAÇÃO COMO AGENTE DE HUMANIZAÇÃO DE CORPOS MASCULINOS NEGROS**, ao analisar a experiência de educação básica e o percurso educacional anterior de homens NEGROS antes de ingressarem na graduação, observamos que foi possível notar a influência profunda dessas vivências em suas trajetórias como professores na Educação Infantil. As histórias compartilhadas por Pedro, João e Henrique revelaram como a Educação

Básica desempenhou um papel fundamental na sua formação, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas e a construção de sua IDENTIDADE NEGRA como educadores. Além disso, suas experiências prévias, sejam elas relacionadas à busca por estabilidade e educação, à influência da família ou à interação com professores e colegas, os capacitaram de maneira significativa para atuar de forma eficaz na Educação Infantil.

Nesse sentido os relatos enfatizam a importância de uma análise cuidadosa das experiências educacionais anteriores na compreensão das trajetórias profissionais e pessoais de professores negros mostrando a relevância de uma EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA para superar desafios e estereótipos racistas enraizados na sociedade.

No segundo capítulo, intitulado **EMPRETECENDO A UNIVERSIDADE**, observamos vários aspectos relacionados às experiências dos professores negros em sua formação acadêmica para atuar na Educação Infantil. Alguns dos principais pontos de destaque incluem:

1. **Questões Raciais:** Os participantes compartilharam suas experiências lidando com o racismo no ambiente universitário. Eles discutiram a importância da representatividade racial e os desafios que enfrentaram ao serem, em muitos casos, os únicos negros em suas turmas. O capítulo explorou como a percepção do racismo estrutural impactou suas trajetórias acadêmicas.
2. **Pressão para Defender as Cotas Raciais:** Vários participantes mencionaram a pressão para defender políticas de cotas raciais durante suas formações. As autobiografias revelaram os debates e desafios que enfrentam ao lidar com essa questão e como essa pressão influenciou suas perspectivas sobre a igualdade racial.
3. **Influência das Experiências de Trabalho:** Os entrevistados destacaram como suas experiências de trabalho prévias influenciaram suas trajetórias acadêmicas. Alguns enfatizaram a importância de professores negros como modelos e referências que os inspiraram a seguir carreiras na Educação Infantil. Outros discutiram as pressões financeiras e os desafios práticos de equilibrar trabalho e estudos.
4. **Diversidade de Experiências:** Embora tenhamos identificado semelhanças nas experiências dos entrevistados, também observamos a diversidade de vivências e caminhos individuais. Cada professor trouxe sua perspectiva única, refletindo uma ampla gama de desafios e oportunidades.

Em linhas gerais, esse capítulo nos permitiu uma visão das dificuldades enfrentadas pelos professores negros durante sua formação acadêmica e como essas experiências moldaram suas escolhas e perspectivas. As narrativas individuais enriqueceram nossa compreensão sobre a interseção entre raça, educação e carreira na Educação Infantil.

No terceiro e último capítulo, intitulado **ACEITA QUE DÓI MENOS: UM HOMEM NEGRO EDUCANDO NOSSOS FILHOS**, mergulhamos nas narrativas compartilhadas pelos educadores para compreender o profundo impacto da presença e identidade racial desses HOMENS NEGROS na dinâmica da equipe e no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. Ficou evidente que a representatividade racial desempenha um papel crucial na promoção de um AMBIENTE EDUCACIONAL ANTIRRACISTA, RESPEITOSO, SEGURO, PLURAL, EQUÂNIME, DIGNO E ENRIQUECEDOR.

A presença educadores negros não apenas desafia estereótipos racistas, mas também contribui para a desconstrução de preconceitos e para o fortalecimento da autoestima das crianças, especialmente daquelas de ascendência negra. Além disso, a equipe pedagógica se beneficia da diversidade e do respeito que a EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA promove.

À medida que encerramos este estudo, é inegável o impacto que a presença de homens negros na Educação Infantil traz para a construção de um futuro mais justo, plural, seguro e equânime, onde todas as crianças tenham a oportunidade de aprender, prosperar, VIVER e SER o QUE SÃO, independentemente de sua origem étnica, orientação sexual, classe e o RELIGIÃO.

A presença do homem negro na educação infantil vai além de uma simples presença; ela se revela como um ato profundamente político. Em conformidade com a perspectiva de Foucault, ao ocupar esse espaço de poder, o CORPO NEGRO se torna um SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA e, ao mesmo tempo, DESAFIA os paradigmas coloniais. Em uma sociedade que historicamente atribuiu identidades RACISTA e estereótipos RACISTAS, DESUMANOS e CRUEIS aos NEGROS/AS, o ESTAR do homem negro na Educação Infantil se torna um ato de DESOBEDIÊNCIA AOS RÓTULOS, anúncio do FRACASSO E AFRONTA aos PRECONCEITOS RACISTAS, SEXISTAS e HOMOFÓBICOS a eles atribuídos.

Enquanto escrevo estas palavras, lembro-me do trágico episódio de George Floyd, quando, enquanto era sufocado sob o joelho de um policial, homem, branco, Floyd clamava por ar. Da mesma forma, cada vez que um corpo negro avança na luta contra o racismo e ocupa um espaço como o da educação infantil, ele desafia as tentativas de sufocá-lo e afirma seu direito à vida.

Nossa presença na educação infantil é o oxigênio para as futuras gerações DE HOMENS NEGROS que almejam ser professores na primeira infância. Ela é um ato de resistência, o ser professor representa a esperança de um futuro em que as IDENTIDADES NEGRAS não sejam mais impostas, mas ESCOLHIDAS E RESPEITADAS, e os ESTEREÓTIPOS RACISTAS se desfaçam, contando com uma educação verdadeiramente TRANSFORMADORA.

Nesse sentido, a presença desses homens negros é um PODEROSO e REVOLUCIONARIO lembrete de que RACISTAS NÃO PASARÃO e que a luta pela igualdade e dignidade não pode ser sufocada. E que sigo FRACASSANDO SUAS EXPECTATIVAS, SEUS VERMES! Essa é a conclusão deste estudo e, ao mesmo tempo, o início de uma jornada contínua em prol de abrir caminhos para que OUTROS VENHAM .

Assim, seguimos “(RE) EXISTINDO PARA EXISTIRMOS”.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL). Disponível em <<http://www.academia.com.br>>. Acesso em 22/02/2023.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGUIAR JÚNIOR, José Durval. **Professores de bebês**: elementos para compreensão da docência masculina na Educação Infantil. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Dissertação (mestrado), 2017.

ALVES, Benedita Francisca. **A experiência vivida de professores do sexo masculino na Educação Infantil**: uma questão de gênero? Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Dissertação (mestrado), 2012.

ALLEGRETTI, Bruna. **Fracasso como potência**: uma contribuição queer às perspectivas contra-hegemônicas. PUC-SP, São Paulo, 2020, P.258

BARROS, Paulo Esber; BARRETO, Robenilson Moura. Corpo negro e pornografia. A fantasia do negro pauzado. **Revista Bagoas**, Natal, n. 19, p. 301-315, 2018.

BARRETO, Robenilson Moura. **Contribuições Psicanalíticas para a compreensão do Preconceito Racial**: Um estudo de caso. Universidade Federal do Pará – Dissertação (mestrado), 2017.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Função da lei. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 de julho de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

CAETANO, M., SILVA JUNIOR., and GOULART, T.E.S. “**Eu me sentia assim, meio que excluído**”: performances hegemônicas e as dissidências na escola. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 127-156. ISBN: 978- 85-232-1866-9.

CASTRO, Fernanda Francielle de. **O giz cor-de-rosa e as questões de gênero**: os desafios de professores frente à feminização do magistério. Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Dissertação (mestrado), 2014.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **Enegrecer o Feminismo**: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero, 2003, p. 3. Disponível em: [https://www1.unicap.br/neabi/?page\\_id=137](https://www1.unicap.br/neabi/?page_id=137) Acesso em: 20/04/2023.

CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 9, n. 17, p. 111-135, abr., 2014

CAMPOS, M. C. S. de S. Formação do corpo docente e valores na sociedade brasileira: a feminização da profissão. In: CAMPOS, M. C. S. de S.; SILVA, V. L. G. da (orgs.) **Feminização do magistério**: vestígios do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: Edusf, 2002. p.13-37.

CAMPOS, M. C. S. de S. Formação do magistério em São Paulo: do Império a 1930. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.72, p.5-16, fev. 1990.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

DIAS, Lucimar Rosa. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 17, núm. 51, septiembere-diciembre, 2012, pp. 661-674

DORES, Fabiola Gaspar das. Memória como método de Pesquisa. **Caderno de Campo nº4** (UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - Pós-graduação em Sociologia) Araraquara, SP-Brasil, 1997-1998.

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003. 255p.

FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERREIRA, José Luiz. **Homens ensinando crianças**: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na educação rural. Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Tese

(doutorado), 2008.

GOMIDES, Wagner Luiz Tavares. **Transitando na fronteira**: A inserção de homens na docência da Educação Infantil. Universidade Federal de Viçosa – UFV. Dissertação (mestrado), 2014.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. **Aletria**, Belo Horizonte, Minas Gerais, v. 9, n. 1, p. 38-47, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 75-85, maio-ago. 2003a, p. 77.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, June 2003b.

HALL, S. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 112.

HALL, S. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte/ Brasília: Editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

hooks, bell. Olhares negros: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Berlim: Editora Cobogó, 2019.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Política de formação profissional para a educação infantil: Pedagogia e Normal Superior. **Educação & Sociedade**, nº 68, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p

MENDONÇA, Michelle Mariano. **Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de Educação Infantil** - alguns elementos para compreensão. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Dissertação (mestrado), 2016.

MBEMBE, Achiles. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: N - 1 edições, 2018.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Trajatórias da docência** - professores homens na Educação Infantil. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Dissertação (mestrado), 2014.

MORENO, Rodrigo Ruan Merat. **Professores homens na Educação Infantil do município do Rio de Janeiro**: vozes, experiências, memórias e histórias. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ. Dissertação (mestrado), 2017.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação**



**Racial.** São Paulo, Edusp, 1996.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para Entender o Negro no Brasil de Hoje: História, Realidades, Problemas e Caminhos.** São Paulo, Global, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. **Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade Brasileira.** Rio de Janeiro: EDUFF, 2004.

NUNES, Patrícia Gouvêa. **Docência e gênero:** um estudo sobre o professor homem na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Rio Verde/GO. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/GO. Dissertação (mestrado), 2013.

PINHO, O. Relações raciais e sexualidade. In: PINHO, AO., and SANSONE, L., orgs. *Raça: novas perspectivas antropológicas* [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 257-283. ISBN 978- 85-232-1225-4.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Transexistências negras: o lugar de travestis e mulheres transexuais negras no Brasil e em África até o século XIX. In. OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao Centro nem à margem:** Corpos que escapam as normas de raça e de gênero. Salvador: Devires, 2020b

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichas pretas na educação!. In. OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao Centro nem à margem:** Corpos que escapam as normas de raça e de gênero. Salvador: Devires, 2020c

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Nem ao centro, nem à margem: o lugar da bicha preta na história e na sociedade brasileira. In. OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao Centro nem à margem:** Corpos que escapam as normas de raça e de gênero. 1.ed. Salvador: Devires, 2020d

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Por que você não me abraça? Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. In. OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao Centro nem à margem:** Corpos que escapam as normas de raça e de gênero. 1.ed. Salvador: Devires, 2020<sup>a</sup>.

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor homem na Educação Infantil:** a construção de uma identidade. Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Dissertação (mestrado), 2012.

QUEBRADA, Linn da. Quem sou eu?. **Trava Línguas**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7P2dd1ZCZEM>. Acesso em: 22 fev. 2022.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens na Educação Infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte/MG.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG. Dissertação (mestrado), 2011.

REIS, Diego dos Santos. A questão racial na universidade e a descolonização dos saberes. **SciELO em perspectiva humana.** Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2022/08/31/a-questao-racial-na-universidade-brasileira-e>



[-a-descolonizacao-dos-saberes/#.ZGp3wHbMK00](#) Acesso em: 01.02.2023

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Lilian Borges dos. **Gênero e Educação Infantil**: o trabalho de educação e cuidado de um auxiliar do sexo masculino e seus desdobramentos no cotidiano de uma escola infantil. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Dissertação (mestrado), 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014.

SILVA, Bruno Leonardo Bezerra da. **A presença de homens docentes na Educação Infantil**: lugares (des)ocupados. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Dissertação (mestrado), 2015.

SILVA, Peterson Rigato da. **Não sou tio, nem pai, sou professor!** A docência masculina na Educação Infantil. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Dissertação (mestrado), 2014.

SOUSA, Fernando Santos. **A construção da profissionalidade docente do pedagogo do gênero masculino iniciante/ingressante na Educação Infantil e na alfabetização**. Universidade de Brasília – UnB. Dissertação (mestrado), 2017.

SILVA, Petronilha Beatriz. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015.

SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**, vol. XXX, n. 63, setembro-dezembro, 2007, pp. 489-506. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SILVA, Claudionor Renato da. Professor homem, negro na escola da infância: reflexões e apontamentos de um iniciante. **Temas em Educação e Saúde**, [S.l.], v. 7, mar. 2017. ISSN 2526-3471. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9557/6321>>. Acesso em: 16 aug. 2022.

SOUSA, José Edilmar. “**Por acaso existem homens professores de Educação Infantil?**”: um estudo de casos múltiplos em representações sociais. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará.

SOUZA, Mara Isis de. **Homem como professor de creche**: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. 2010. Dissertação de Mestrado. USP.

SOUZA, Rolf Ribeiro. As representações do homem negro e suas consequências. *Revista Fórum Identidades*, p. 97-115, 2014.

TEODORO, Luciano Gonçalves. **O trabalho docente na Educação Infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista**. Centro Universitário Moura Lacerda – CUMML. Dissertação (mestrado), 2015.

TERRES, Thiago. **Desafios de ser gestor homem nos centros de Educação Infantil do município de São Paulo**. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores)

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. **O que pensam professoras de Educação Infantil sobre a feminização da profissão docente?**. Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – Anped. 2007. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/o-que-pensam-professoras-de-educacao-infantil-sobre-feminizacao-da-profissao-docente> Acessado em: 20/04/2023